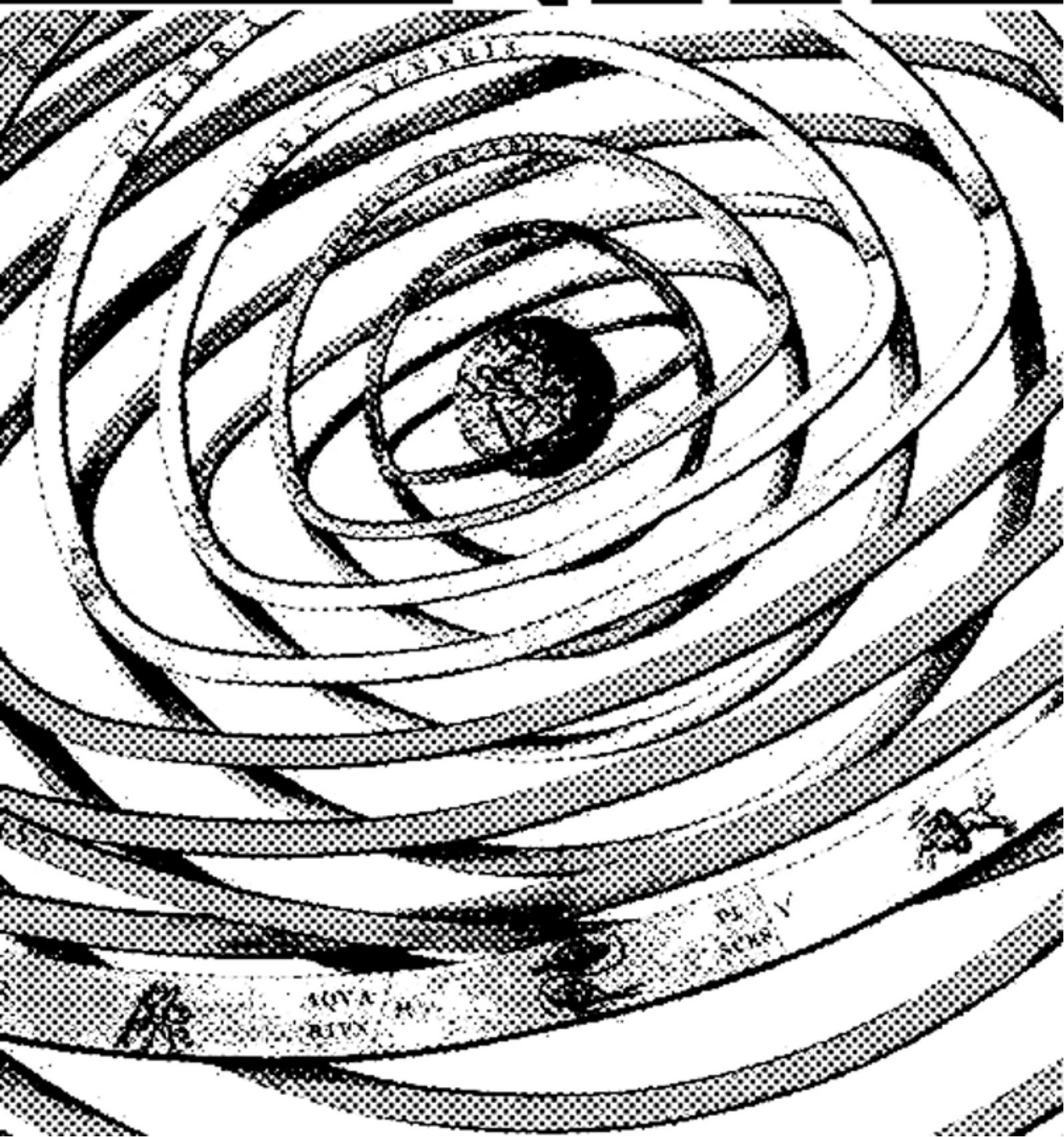


ZÊNITE

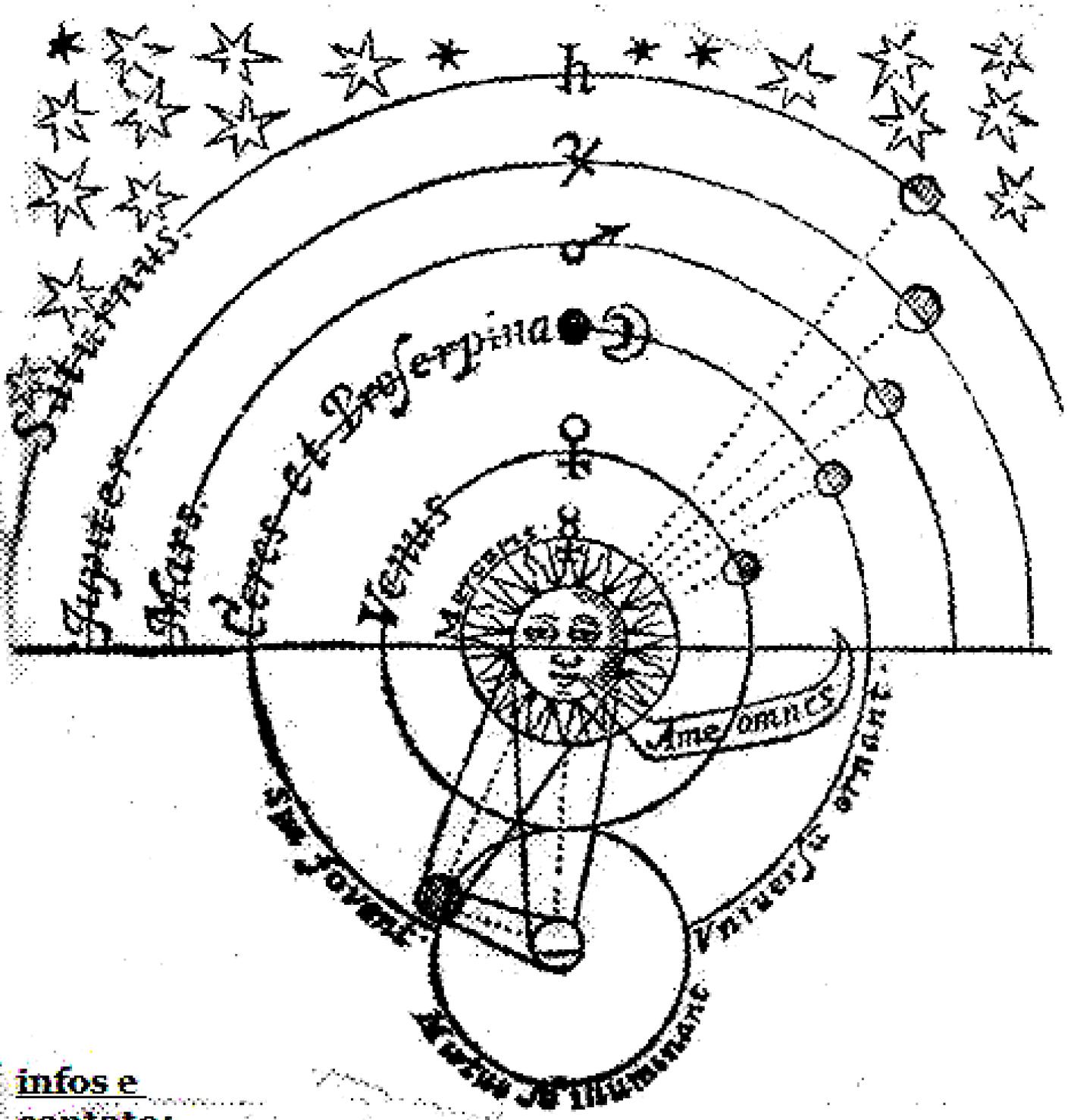




Haja ou não deuses,
deles somos escravos.
—Fernando Pessoa



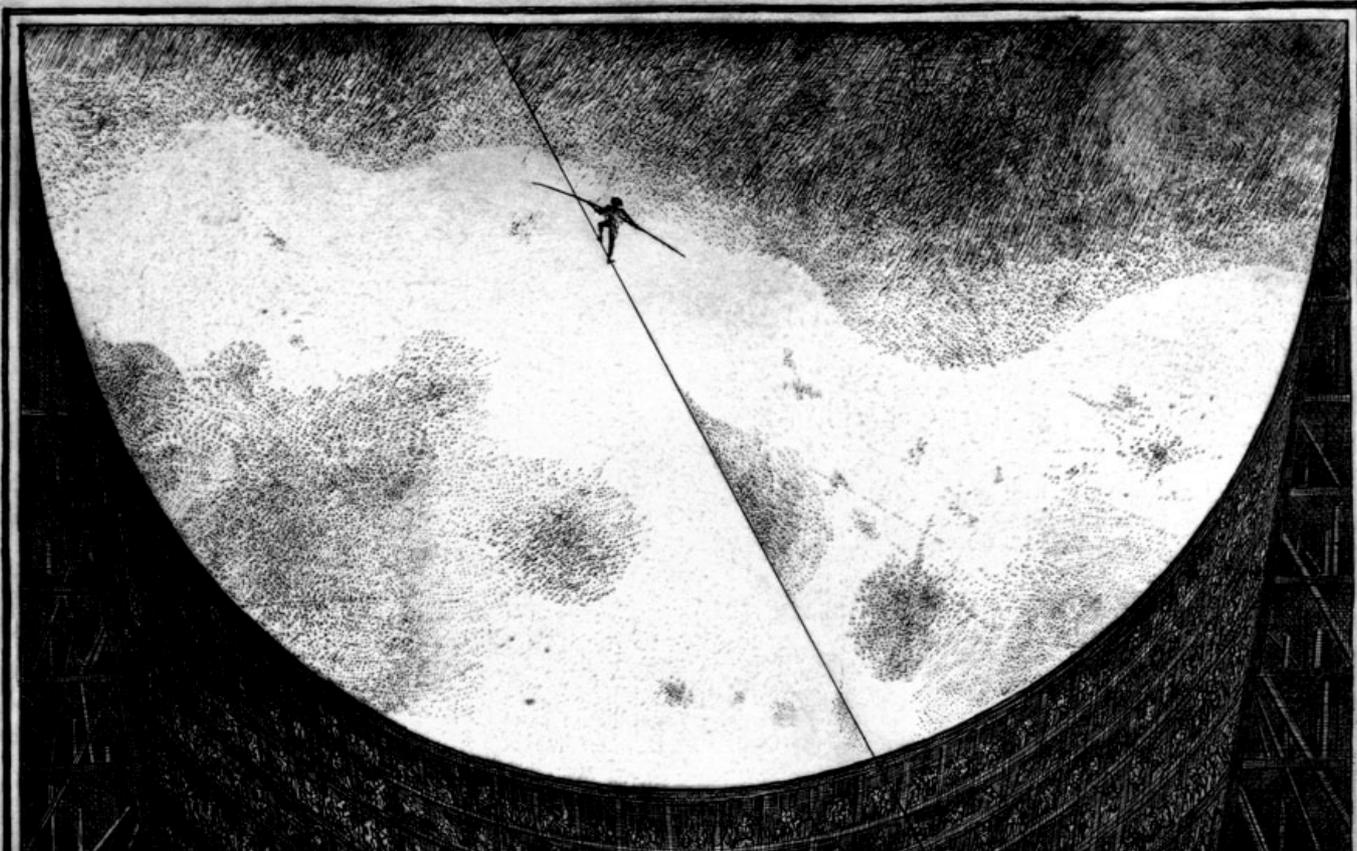
"ESTE É O TEMPO ONDE O OURO TRANSFORMA-SE EM PÓ"



infos e
contato:

facfic@riseup.net

01. arte como coerção. prelúdio
02. utopia. em lugar nenhum
03. sociedade morta-viva.
04. civilização e identidade
05. no quarto. sementes a-normais.
06. amor, sexo & domesticação.
07. criatividade libertadora. uma réplica
08. frustração como arte.
09. entrevista. C. Disangelista
10. desespero. nossa única esperança
11. reticências.
12. o homem aberto e o mundo fechado.
13. este mundo não pode durar.



Até hoje as pessoas teimam em separar vida cotidiana da expressão criativa, as atividades diárias do protesto político. A criação espontânea sempre foi um reflexo de desejos e vontades, sempre foi um instrumento de ação subjetiva trazida ao consciente; mas até agora falta-nos a lucidez e a audácia de tornar essa consciência realidade. Ora, se em livros sobre revolução, filmes ou em letras de música o real se torna imaginário. Invertendo a lógica, o imaginário também pode se tornar real com a mesma fluidez e facilidade. Mas nunca ousamos conhecer ou experimentar essa hipótese...

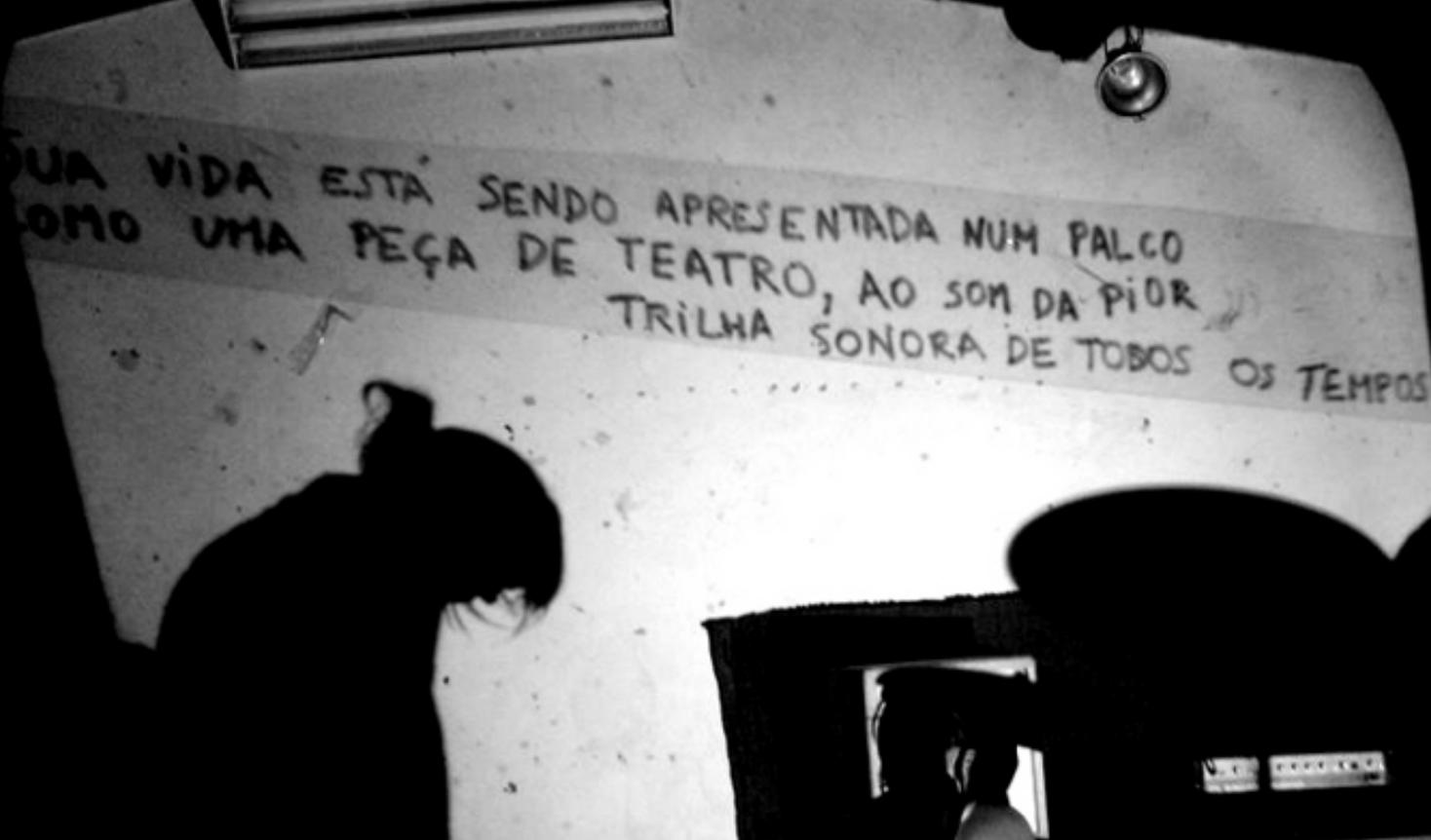
**Até onde podemos chegar?
Até onde temos disposição para chegar?**

SERÁ ELA UMA COMÉDIA, UMA FARSA, UMA SAGA,
UMA NOVELA MEXICANA, UMA TRAGÉDIA:

01. Arte como coerção

"...quando a sofisticação perde o conteúdo, então a única maneira de manter contato com a realidade é tornar-se grosseiro e superficial."

–Feyerabend



[A gente tá tocando, improvisando em cima de um tema e a alguém escreve na lousa:

Tudo que supostamente está acabado expressa o passado.

[Você verifica as pessoas lendo, espera um momento, em seguida continua:

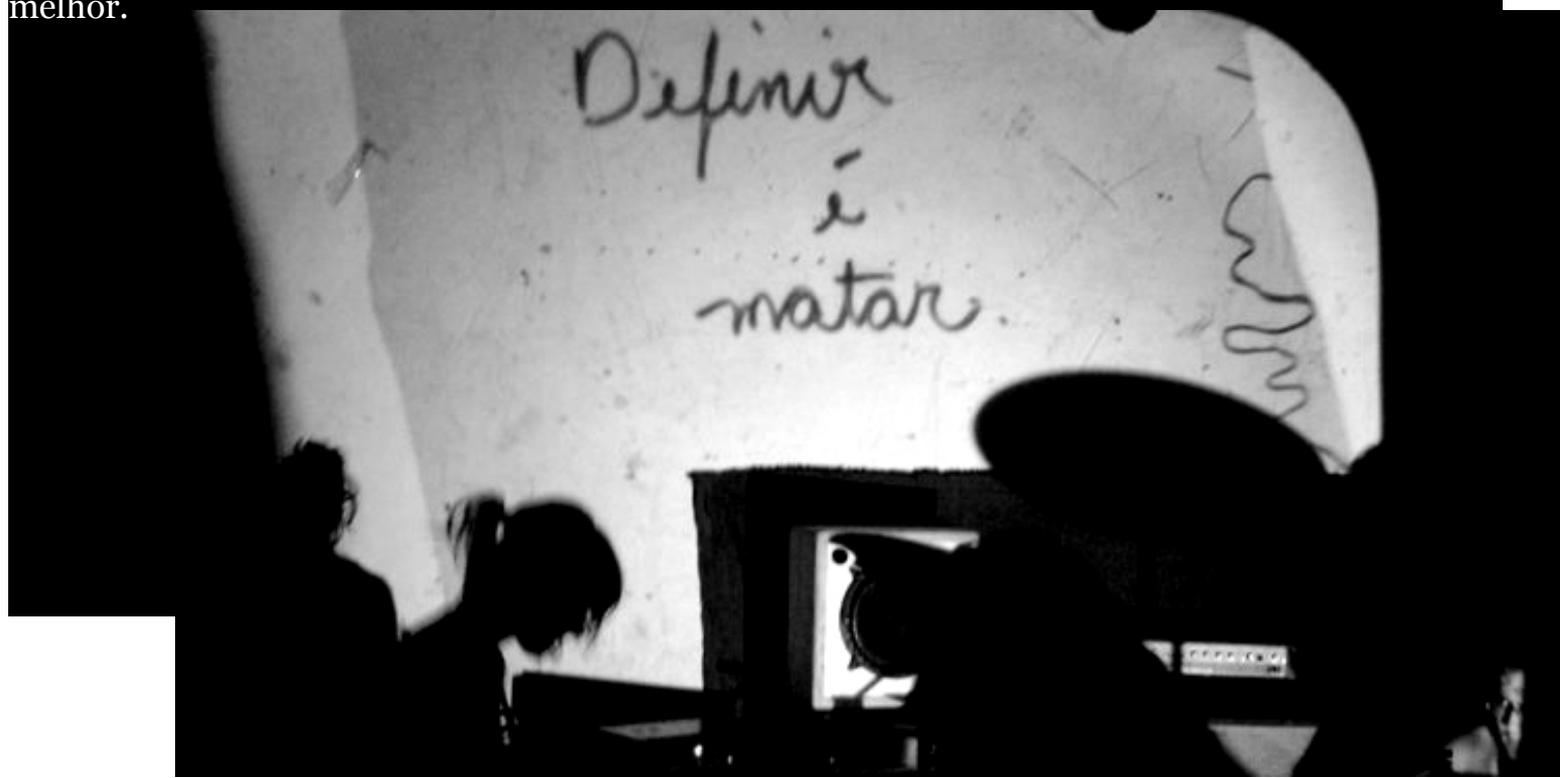
Definir é matar.

[Verifica as pessoas lendo, espera um momento, em seguida continua:

Mas só o fato de estarmos criando uma noção de agora, a partir de um aqui inseguro, já é interessante...

[Essa próxima parte eu imagino a pessoa que escreve meio irritada ou levemente desconcertada, respirando forte... meio bufando... sei lá...

Verifica as pessoas lendo, espera um momento, desmancha tudo e em seguida continua a escrever na lousa, com mais calma que antes, e ao mesmo tempo entra fazendo o que achar melhor.



Palmas. Você escuta palmas. E se sente vulnerável, nua. Está escuro. Você está sob holofotes. A música é pesada, assustadora, leve e encantadora. Os aplausos querem te ver dançar, com seu corpo ainda frio. Ao som de sua própria marcha fúnebre. Na mais vazia e escura sala de todas. Você ouve palmas, mas não sabe de onde elas vêm. Não aquele tipo de palma que se ouve no teatro, não. Aquilo seria bom de mais.

Sua vida está sendo apresentada em um palco como numa peça de teatro, ao som da pior trilha sonora de todos os tempos; a mais repetitiva e monótona de todas as canções. Será ela uma comédia, uma farsa, uma saga, uma novela, uma tragédia?

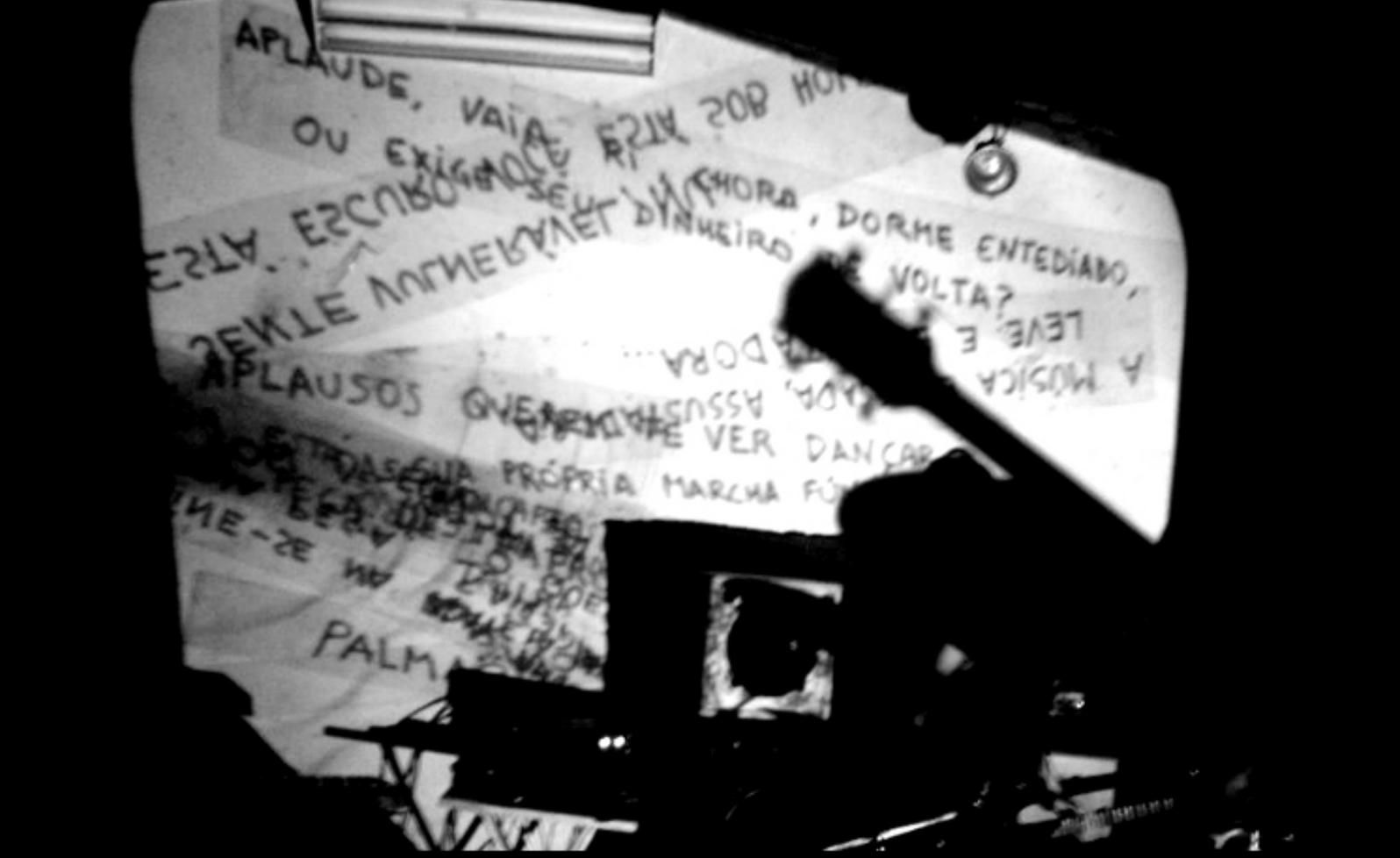
Imagine-se na plateia assistindo à sua própria peça. O que você faz? Aplauda, vaia, ri, chora, dorme de tédio ou exige seu dinheiro de volta?

[A música vai abaixando aos poucos. Diante da lousa, a pessoa novamente verifica as pessoas terminando de ler, espera um momento e desmancha algo no meio do texto e em seguida finaliza escrevendo o título no buraco desmanchado:

- a arte como coerção



[Já com a música bem baixa, quase acabando em *fade out*, você começa a falar em tom bastante questionador. Mas lembre-se, é sim um tipo de “encenação”, mas é a vida real também, sabe? É realmente nisso que a gente acredita. Então faça valer. Vamos falar sobre isso. E isso é pra ser discutido com as pessoas. Imagino que é para ser falado na cara das pessoas, por que é isso que estamos botando em questão.]



"Qual o limite entre realidade e ficção? Quando cruzamos de uma para a outra e quando vivemos uma mistura de ambas? Loucura? Vivo na terra dos mortos. O maior divórcio da minha vida e ainda não sei viver por mim mesma. Vagueio pelo mundo dos loucos e das crianças mortas. Tão solitário em minha visão, tão inocente, mesmo sujo com o sangue de outros.

Meu silêncio não é paz. É um prelúdio para a guerra. Quando me calo, é para melhor afiar minha língua para a próxima batalha.

Cantamos, escrevemos, filmamos e pintamos vidas que não são nossas. Bebemos para esquecer, fumamos para relaxar. E toda segunda-feira é igual. Toda maldita segunda-feira. Morram! Soterrados, afogados, famintos ou baleados pela polícia! Morram! Não tenho pena, compaixão. Vocês escolheram não mudar a vida que levam. Mudam a roupa, o combustível do carro, a dieta, os livros na estante, mas acordam mal-humorados na segunda-feira e vão resignados vender suas vidas. Sonham com o fim do expediente, amam as sextas à noite e os fins de semana. Curtem a onda e se acostumam com a ressaca. Afinal tudo tem um preço, não é mesmo? Não só as escolhas erradas tem um preço. Não precisava ser assim...

Não precisava ser assim. Seu ódio escoia para quem está em uma posição de menos privilégio ou além de suas fronteiras. Para os mais pretos, as mais empregadas, as mais miseráveis, as mais bichas ou mais sapatas. Para os torcedores do outro time ou as mais imigrantes, refugiadas. Seu ódio se esvai a cada dose, a cada trago, a cada mudança de canal, a cada novo e-mail na caixa de entrada.

Se há alguma mágoa, não é no guarda, no político ou no patrão que você vai liberá-la. Tensões aliviadas e toda segunda-feira é igual. Morra! Morra de overdose, gorda, com câncer, esfaqueado no trânsito. Morra! Deixe esse mundo em paz. Seu trabalho, seu dinheiro e seu lixo só tornam o mundo pior. [a minha vida pior]

Eu queria ser meu próprio herói. Queria mesmo. Queria me dar bem e espancar os caras maus. Mas quando a luz acende, o livro se fecha, a música acaba, eu me lembro que ainda sou eu mesmo e tenho que me virar. Ou então as segundas-feiras continuarão a ser iguais.

Tudo que é belo acaba com a minha vida.

Por que não pode ser como nas histórias? Ou emocionante como naqueles refrões? Era tudo mentira? Ou sob os escombros desse inferno ainda pulsa alguma vida? O que esse mundo soterrou eu quero encontrar. Não quero viver nas sextas à noite... Não existe vida entre o sacrifício do trabalho e o início de uma embriaguez. Quero viver a vida em tempo integral, nos mapas de um para um. Não há pra onde ir quando toda esquina é um abismo.

De onde vem a sua vida? Como ela aparece para você? Por uma lente, ou uma retina? O que são essas palavras? Nessa segunda você vai bater o cartão ou descarregar o tambor?"



[acaba a parte “teatral”, inicia-se o debate.]



02. Utopia

**"A tentativa de trazer o céu
para a terra invariavelmente
produz o inferno."
— K. Popper**

02. utopia: em lugar algum

"A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar".
—E. Galeano

Para alguns corações românticos e iludidos, como o de Galeano, utopia é o combustível que nos move adiante rumo a um mundo novo e melhor. Mas para outros, mais obscuros, porém livres, ela é como a cenoura na ponta da vara que mantém o burro caminhando à vontade de seu mestre sem nunca tocar ou sentir o sabor daquele que é seu objetivo. Quando Thomas More escreveu sobre sua sociedade fantástica e perfeita, usou os radicais que em grego significam "não" e "lugar" para batizá-la de Utopia. Mas ele jamais imaginaria que a nova palavra se tornaria lugar comum para os sonhadores e idealizadoras de qualquer sociedade vindoura, que seja justa e agradável — apenas o oposto de todas as civilizações que conhecemos. Ou que seria o nome do jornal de ideias socialistas de Mussolini, antes desse ser conhecido como um dos maiores ditadores da história.

De qualquer forma, desde sua concepção, a ideia de utopia deixa-nos claro onde está o mundo perfeito que devemos construir: *em lugar algum*. Se escolhemos uma posição de confronto com nossa realidade, essa postura deve ser desde já uma maneira melhor de se viver e não uma promessa para depois de algum evento — seja a revolução ou a extrema unção. Assim como o paraíso ou a vida eterna não são suficientes para que convivamos resignados, em paz e com justiça no presente,

utopias não nos trarão mais perto de um mundo melhor, pois já partimos do pressuposto de que são doces mentiras. E se distancia ao passo que caminhamos. Utopias nos trarão mentiras e frustrações, nos deixando mais distantes da realidade.

Qual o sentido de se cultivar esse peso morto da busca por uma sociedade que jamais existiu ou existirá? O que há é apenas o caminho, o que eternamente chamamos presente. Este que é o único lugar onde estaremos e por onde vamos nos encontrar. O único lugar real, dentre muitos possíveis.





À nossa frente, apenas o desconhecido.

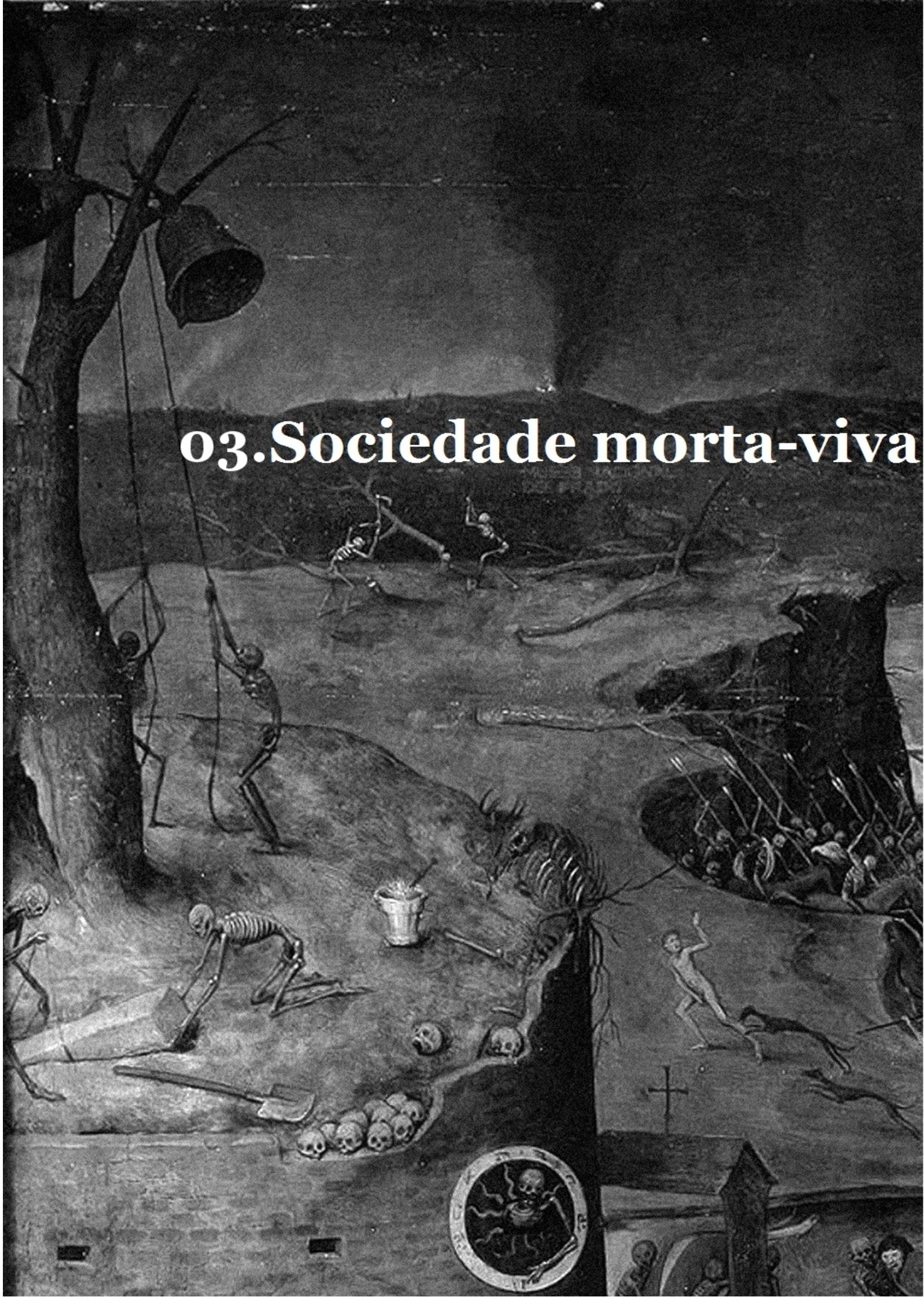
A função da utopia é nos atrelar a discursos ideológicos que projetam suas políticas e programas, desprezando o valor da experimentação empírica e a seleção do que melhor se adapta nós e nossa realidade. Precisamos sim de referências palpáveis do que funciona e sua síntese será o resultado imprevisível dessa combinação de exemplos e experiências. Toda projeção completa será inútil, uma vez que a cada passo, estamos em um momento novo e único. Pode ser divertido fantasiar uma possível sociedade pós-civilizatória como um Bolo Bolo, mas assim como a pornografia mainstream, consumirá um tempo em que poderíamos explorar o que realmente somos e nossas imprevisíveis potencialidades para apenas nos fornecer uma imagem do que deveríamos buscar ser.

Devemos abandonar as utopias porque elas apenas apresentam o caminho para a frustração. Porque elas nos ensinam a valorizar um resultado futuro e hipotético ao invés de desfrutar o presente. Porque elas nos mantêm acreditando que uma sociedade melhor ou uma saída para essa armadilha global na qual nos metemos pode ser pensada e planejada racionalmente. Nos levando a crer que a humanidade carrega em si e na sua capacidade de elaboração e controle sobre a realidade a solução para seus problemas humanos, basta trabalhar e não desistir de nossos "sonhos".

Ao invés de imaginar qual a realidade que construiríamos a partir de cada passo que damos, poderíamos considerar abrir mão dessa necessidade de prever e controlar o futuro. Aceitar que apesar de todos os nossos esforços para obter garantias e segurança, o amanhã será sempre um grande mistério, repleto de venturas e tragédias imprevisíveis.

As possibilidades são infinitas, não precisamos de tempo elaborando o que deveríamos ser ao cruzarmos a linha do horizonte, quando podemos explorar e desafiar o que já somos. Não precisamos de um paraíso para entender que esse mundo já é um inferno.

03. Sociedade morta-viva



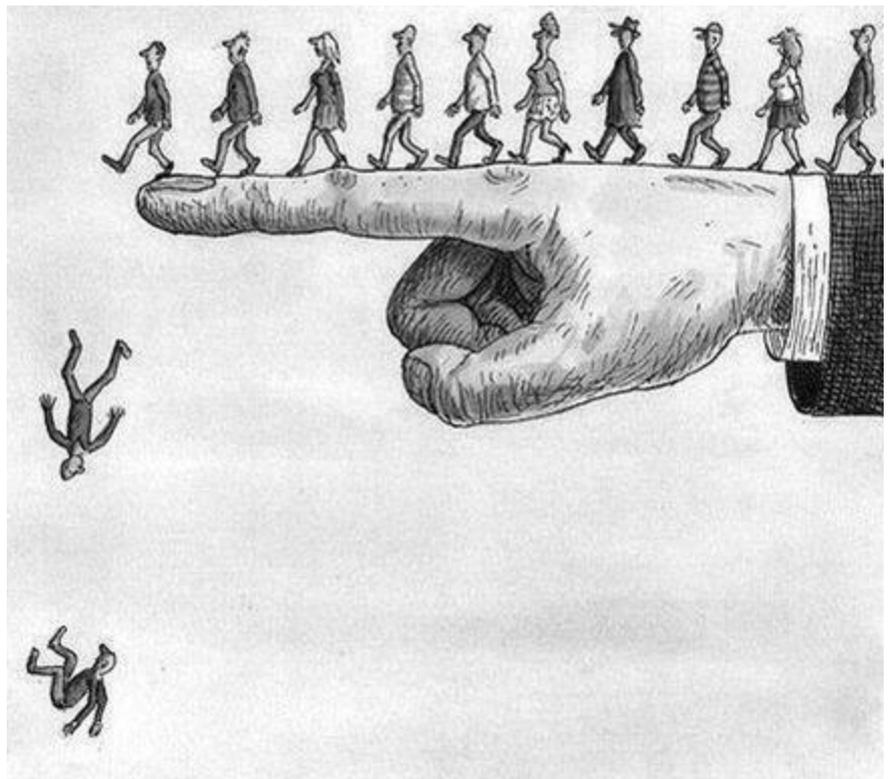
03. sociedade morta-viva

O que significa ser “humano”, ou o que significa “ser humano”? Esta questão tem se tornado cada vez mais importante ao observamos um mundo moderno que parece “hostil ao homem” ou “desumano”. Existe uma grande indisposição de refletir sobre esta questão, pois a definição do conceito de humano recai sobre a questão do sentido da vida humana, o que é uma questão “metafísica demais” para o homem moderno. Este se acostuma a encontrar seu sentido na falta de sentido, e em nada mais. O sentido humano inclui a pergunta pela “função” humana, não no sentido funcionalista, mas no sentido da pergunta milenar “porque estamos aqui”, ou “qual o nosso papel na existência”?

Ao tentar definir nossa humanidade, os filósofos recorreram a uma série de aspectos do homem, desde a racionalidade até sua composição genética. Mas a pergunta pelo papel do homem não envolve apenas uma característica interna do homem. Envolve a etologia humana, ou seja, o comportamento humano, incluindo aí a cultura, as crenças e a ética. Hoje em dia, o significado da pergunta “o que você faz?” ou “qual a sua função?” é entendida como “qual é seu trabalho/emprego”. A pergunta sobre o que fazemos relaciona-se com a pergunta sobre qual o nosso papel, o que acaba determinando nossa auto-imagem, quer dizer, nosso conceito sobre quem somos. A pergunta “quem você pensa que é?” remete ao status social, o que por sua vez remete a uma profissão. Não raro, o primeiro dado biográfico que procuramos sobre as pessoas, logo depois do nome, é a profissão, a ocupação, o cargo, o lugar que esta pessoa ocupa não apenas na sociedade, mas na sociedade do trabalho. As roupas que vestimos e o modo como nos portamos reflete nossa posição nessa sociedade.

Num mundo que provoca tanto o trauma quanto o vício pelo trabalho, os eventos que ocorrem no local de trabalho ou os pensamentos decorrentes da atividade do trabalho têm sido os temas mais comuns nas conversas informais, mesmo

nas conversas entre familiares, entre casais, entre amigos ou entre estranhos. O trabalho, e tudo que ele suscita, tem invadido gradualmente todo nosso tempo, nossa vida, nossa mente e todas as nossas disposições de ação. O comportamento no trabalho tem se tornado mais “condicionante” para o indivíduo do que sua convivência em qualquer outro espaço social. De fato, a tendência “alienante” do trabalho repetitivo, comum na era industrial, foi substituída por uma etologia que leva “a vida para o trabalho” e “o trabalho para vida”, em todos os seus aspectos. Até mesmo o aspecto lúdico, antes dissociado do trabalho, agora pode ser confundido



com este, quando se torna mais comum ouvir a frase: “Isto não é brincadeira, é meu trabalho, mas eu me divirto muito com ele”. Assim, a etologia humana está cada vez mais, centrada na sociedade do trabalho, confundindo-se com a etologia do trabalho. Não apenas do trabalho humano, mas do trabalho “civilizado”, isto é, com vias para o progresso de uma sociedade tecnocrática, que muda numa velocidade espantosa, a ponto de não conseguirmos mais dar qualquer adjetivo a ela, pois os adjetivos se tornam rapidamente obsoletos. A mudança de forma desta sociedade está se acelerando a ponto de não podermos mais dar um diagnóstico preciso sobre sua situação.

O “ethos” exigido no local de trabalho, assimilado como “lição de vida” pelos “discursos motivacionais”, tem se tornado um “estilo de vida”, algo que se torna base para o comportamento em todos os outros aspectos da vida, como o relacionamento íntimo, o consumo, a postura ética, o posicionamento político, até mesmo a crença religiosa. A carreira enquanto estilo de vida se torna um fetiche: o indivíduo procura consumir qualquer coisa que esteja relacionado ao seu trabalho, como objetos de decoração que simbolizam sua formação. O olhar cotidiano se torna um “olhar médico”, um “olhar jurídico”, um “olhar filosófico”, e assim por diante. Tudo gira em torno da profissão. O indivíduo tem centralizado a vida no trabalho mais do que em qualquer outra de suas capacidades humanas. Em outras palavras, a função artificial, criada para suprir uma sociedade de acúmulo, está substituindo nossa “função humana”, aquela responsabilidade que tínhamos no passado. Nestes termos, a sociedade do trabalho criou uma nova função para o homem, destituindo-o dos deveres que ele tinha antes e substituindo uma ética baseada na relação do homem com o sagrado por uma ética baseada a produção e no consumo.



Esta “função humana original” se assemelha à etologia dos animais não domesticados (ou selvagens), pois eles não vivem no acúmulo de poder, vivem na dádiva da vida. Esta vida “na graça” foi deixada de lado como algo aprisionador, pobre e primitivo. A questão que se coloca é então uma oposição entre trabalho, que é nossa função social nesta estrutura mercadológica, e nossa função humana, que é nossa função no e para o meio em que o humano estava originalmente inserido, no e para o qual ele surgiu. As duas funções não se confundem quando analisamos a humanidade no seu sentido mais amplo. Percebemos a substituição gradativa da função humana pela função do trabalho.

Qual o nome destas marcas?



Qual o nome destas plantas?



É nesse contexto que se insere a metáfora de uma sociedade de mortos-vivos, que representam seres com aparência superficial de estarem vivos e realizarem funções, porém sem qualquer conteúdo ou sentido para essas funções. Não apenas “somos para morte”, mas nossa função humana perdeu seu valor intrínseco, reduzindo-se a uma função que objetiva apenas a reprodução de comportamentos voltados ao trabalho. Mesmo o que não é chamado de trabalho, como o entretenimento e a arte, existem em função do trabalho, e seguem também a estrutura do trabalho, uma vez que esta assimila todas as atividades humanas e as classifica de acordo com um cálculo de eficiência. Perguntamos-nos o que “compensa” mais, ir ao teatro ou ao cinema, em termos de uma “eficiência de diversão”. Atividades reflexivas, que não nos distraiam o suficiente ou não ocupem ao máximo nossa atenção, são consideradas pouco divertidas. Ver um filme, por exemplo, é preferível a ler um livro, porque as múltiplas imagens fluindo constantemente fixam nossa atenção na multiplicidade de informações, deixando pouco espaço para refletir sobre a mensagem.

Um morto-vivo caracteriza-se por aquele ser que está destituído de sua função enquanto ser vivo, mas que ainda mantém uma função com fim em si mesma, caracterizada por um movimento programado, típico de um autômato ou de um objeto animado por mecanismos invisíveis. Seu “princípio de ação” é controlado por forças estranhas à vida, como um desejo insaciável de destruir/consumir vida pulsante, o que significa consumir aquilo do qual tem carência. Na literatura, mortos-vivos podem ser inteligentes, sedutores e refinados como os vampiros. Podem ter uma aparência atraente, ainda que por meio de um encantamento. Podem mudar de forma, e são imunes a ferimentos. Os mortos-vivos estão à caça dos vivos. Também apresentam a característica de infectar o outro com sua doença ou maldição, espalhando-a como um vírus. Os mortos-vivos andam à noite porque se escondem dos vivos. A vulnerabilidade ao espelho revela que eles também se escondem de si mesmos. São insensíveis e frios.



A perda das funções humanas leva a uma busca constante por algo que parece impossível de ser alcançado, pela reprodução de uma rotina sem sentido e sem finalidade. Isto é o que acomete todos os membros de uma sociedade morta-viva, gerando medo, raiva, desespero. A morte-vida, diferente da morte, se espalha dominando as mentes e os corpos, num movimento de expansão de influência e poder por via do engano e da violência. A morte fecha o ciclo da vida, mas a morte-vida impede o fechamento do ciclo da vida, criando um ciclo infundável dentro do ciclo vital, como uma referência circular ou um “loop infinito”. Ela nos desliga de nosso propósito como seres humanos e nos leva para uma espiral descendente de acúmulo e expansão de poder, seja pela brutalidade ou pela astúcia.

Não é por coincidência que alguns autores relacionaram os morto-vivos à maldição de Caim, o primeiro agricultor, primeiro assassino e também fundador da primeira cidade. Caim foi condenado a vagar pela terra sem rumo definido e recebeu uma marca que o impede de ser morto, porém todo seu trabalho resulta em cinzas. Ele é por definição o homem destituído de seu papel humano, condenado a caminhar para o vazio, numa existência sem sentido intrínseco.

Caim, que arrou seu campo com o sangue de seu irmão, é o primeiro a acumular. Ele, que foi herdeiro da condenação ao trabalho pelo pecado da cobiça, agora também se torna fundador de uma nova maldição: a inveja que leva à destruição da vida em função do trabalho.

Nós elegemos o trabalho como fonte não apenas de sustento, mas de sentido existencial. Mesmo quando tentamos fugir do trabalho em atividades artísticas, estas só podem prover sustento porque outra pessoa trabalha para adquiri-las. A arte também pode ser mais procurada quanto menor o sentido de nossas existências, uma vez que ela provém um momento de sentido aparente. Mas a função humana não pode ser resgatada pela atividade artística. O sentido existencial não pode ser substituído pelo sentido estético.

Os membros da sociedade morta-viva são como insetos batendo numa lâmpada que eles pensam ser o sol. Continua, furiosa e entorpecidamente, concentrando todo seu ser nesse fluxo aparentemente vital, porém originado do auto-engano. Caminhando na mentira que conduz à escuridão da morte do sentido.

Todos os aspectos do trabalho moderno, incluindo a programação de comportamentos pelo cálculo de produtividade, se tornam aspectos da vida moderna. Estes conduzem continuamente o indivíduo ao automatismo e ao artificialismo. E ao mesmo tempo ao prazer, à tentativa de aproveitar ao máximo as experiências agradáveis, ao consumo insaciável de “vida”. Mas a vida transformada em produto também se torna parte de um processo “sem sentido” quando o consumo acaba. Ou seja, este processo é a transformação de tudo que é vida em morte-vida. Luz em escuridão. E quando as luzes se apagam, é cada um por si, não há mais referência comum. Somos nosso único ponto de referência num universo restrito ao eu, onde o outro é uma ameaça, e não faz sentido falar sobre de onde viemos e para onde vamos.



04.

Civilização e identidade



04. civilização e identidade

O nascimento da civilização não se deu apenas no plano das técnicas, com a sedentarização, a domesticação, os sistemas de irrigação e a distribuição de produção. O nascimento da civilização é o nascimento de uma identidade. Inicia-se a história. Separa-se no momento de sua aurora o “Eu” civilizado do “Outro” selvagem/animal. A organização do pensamento religioso ilustra tal afirmação. Diz-se que mesmo no Paleolítico já existem referências a um mundo sobrenatural. Afirma-se isso por meio de pinturas rupestres interpretadas como deuses de fertilidade/fecundidade. Nelas aparecem figuras que se assemelham a uma mistura de seres humanos com animais, figuras de animais enormes e figuras do que poderia se chamar de Deusa-mãe. Por vezes essa aparece em posições sexuais com animais ou mesmo com seres híbridos. Tais pinturas, além de mostrarem o desenvolvimento de um pensamento abstrato nos seres humanos “fora da história”, permitem a visualização de uma relação na qual é difícil separar o “eu” ser humano do “outro” animal/floresta. Uma relação que se mostra, por exemplo, de temor entre humano e animal não humano, de enfrentamento, mas também de mistura, de apreciação, de reflexo (acho necessários esses ajustes, exceto os dois últimos “de”s, que visam manter uma elegância no texto).

Com o Neolítico, as figuras se transformam: os animais não humanos, agora domesticados, passam a um papel marginal. Ao mesmo tempo, caracterizam-se de maneira efetiva deuses, não só se assemelhando a seres humanos, mas a homens. Assim, o pensamento abstrato civilizatório se constrói, também, por meio da construção de uma identidade e da afirmação de uma identidade de homem civilizado. Aquele mesmo que se assemelha aos deuses. O conjunto de deuses especializa-se. Cada gérmen de cidade possui seus deuses específicos, por vezes o combate entre deuses torna-se o combate efetivo entre cidades. A abstração e a realidade imbricam-se. Os seres humanos cada vez mais se especializam. Ou seja, a forma igualitária de relação entre integrantes de um bando e suas atividades é suprimida por identidades/especialidades. Não somos todxs caçadorxs-coletorxs,

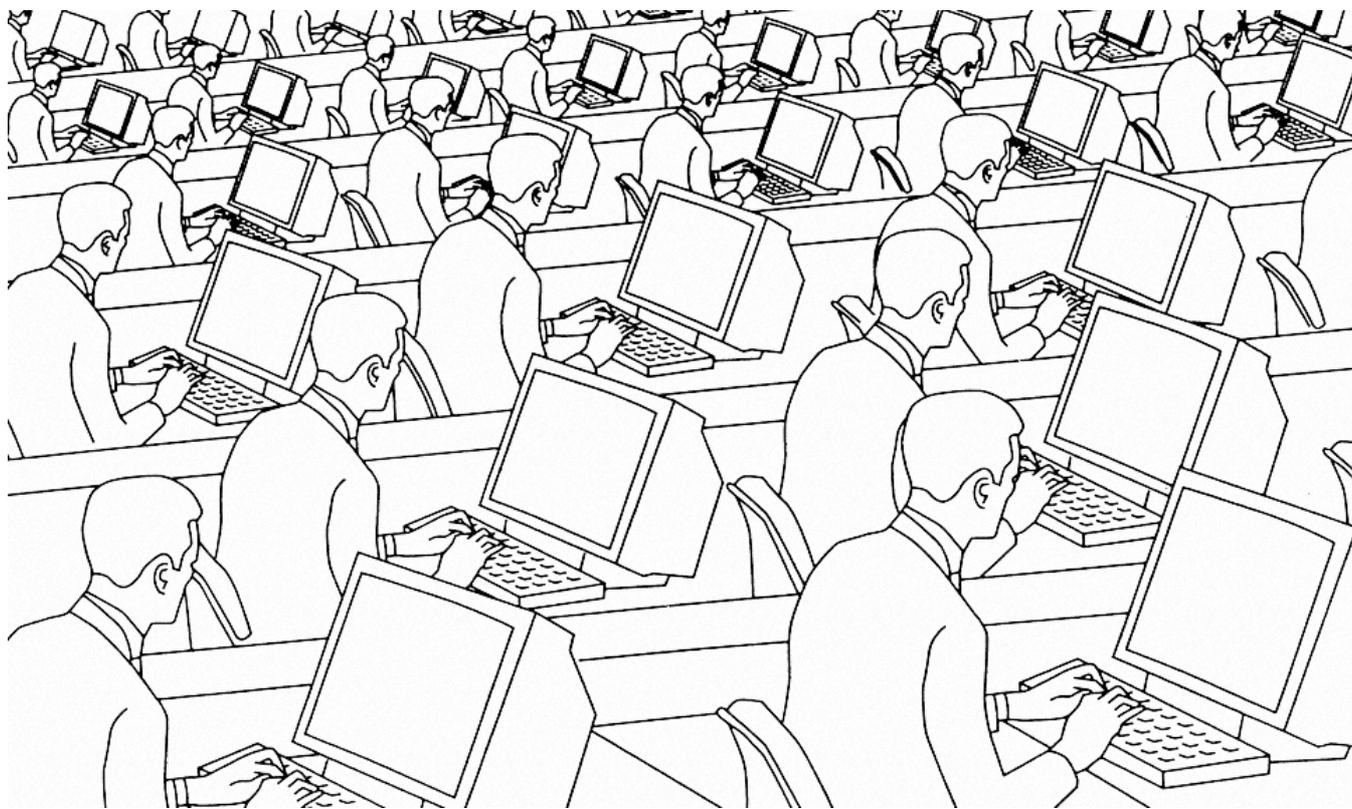


“sou” sacerdote, “sou” agricultor, “sou” soldado, “sou” artesão, “sou” rei. Importante salientar que as especialidades/identidades não se afirmam horizontalmente, mas se impõem violentamente umas sobre as outras. Afinal, quando se estipula o “eu” estipula-se o “outro”.

Tal construção de identidades assume um caráter multilinear. A construção da identidade civilizatória é sempre uma submissão a uma força externa e uma submissão a uma suposta essência interna. Aquele que se assume como rei é compreendido como rei, pois é submetido à identidade “rei” pelos deuses (apesar de poder em alguns casos se assemelhar a um deus, o rei, hierarquicamente, ainda é submisso a esses). Aquele que se assume “súdito” é compreendido como súdito pelo rei e pelos deuses. As identidades/especialidades se hierarquizam violentamente por todo o desenvolvimento do que conhecemos como civilização. Mas em algumas comunidades o sobrenatural ainda permite afirmar que depois da vida aquele que é súdito e aquele que é rei podem habitar o mesmo terreno dos mortos. Um “paraíso” que se assemelhasse a uma recompensa pela vida de súdito e, ao mesmo tempo, um “paraíso” que legitima a subordinação.

Passa-se assim de forma grosseira para os tempos atuais, nos quais as identidades se multiplicam, assim como se multiplicam as formas de colocá-las expostas ao julgamento ou à apreciação de outras identidades. Mesmo nos agrupando sob “comunidades” (“somos” ativistas, “somos” fora-do-eixo, “somos” isso, “somos” aquilo), o que ocorre ainda é uma submissão a uma certa identidade e sua respectiva afirmação sobre outras identidades. Mesmo por meio de uma identidade “comum” o comum se perde. Mesmo existindo uma liberdade de escolher “quem eu sou”, ainda estamos presos à necessidade de dizer “eu sou”.

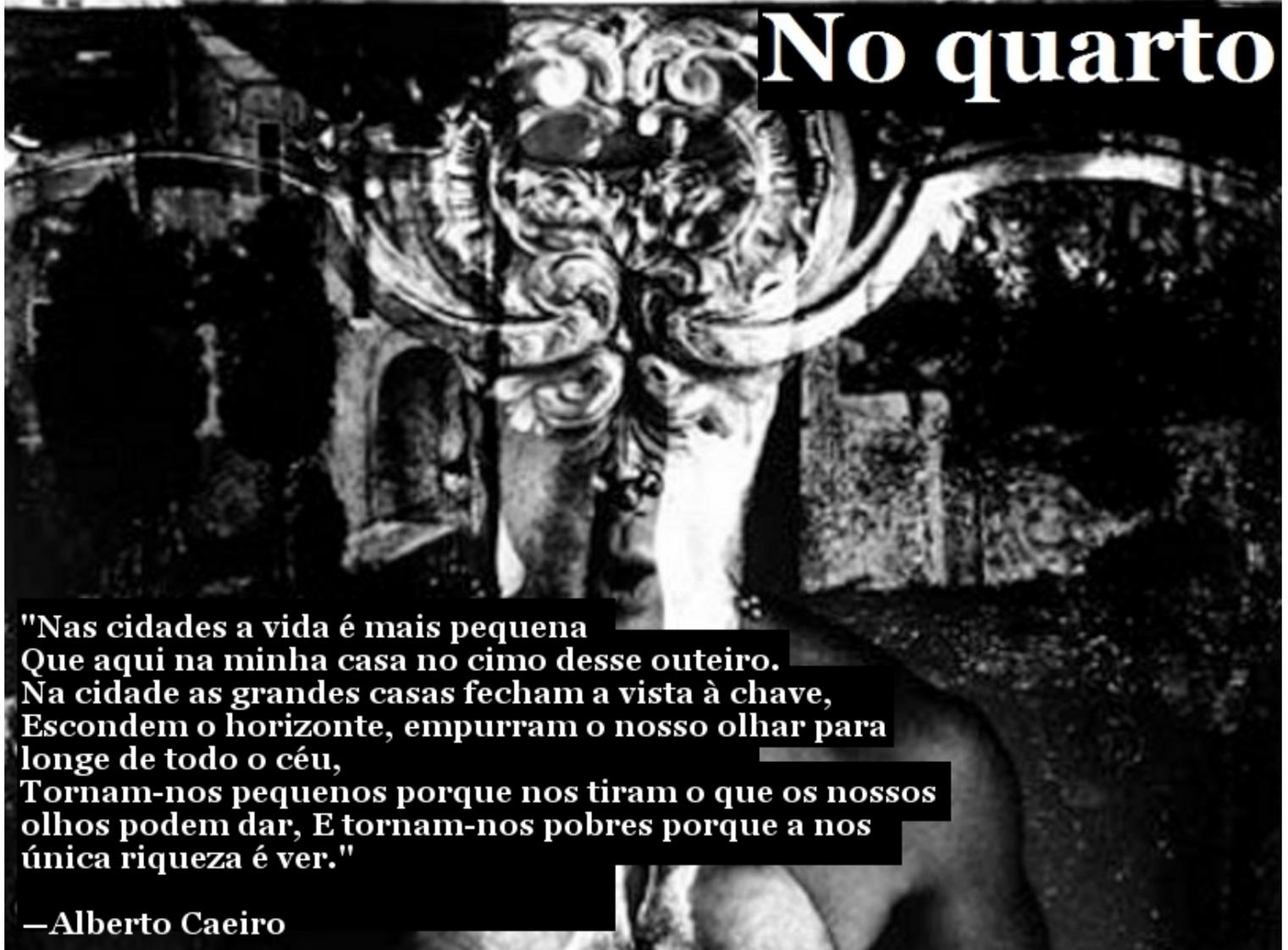
A continuidade do papel da identidade no Neolítico, nos Impérios Despóticos, nas cidades gregas, aquele que liga o “eu” interior ao “eu” no mundo social, ou seja, aquele papel de definir a partir de quem “sou eu” o meu status social e meus respectivos méritos mantém-se vivo nos tempos atuais. O que diferencia nossos tempos atuais é a multiplicação de formas de afirmação/submissão ao “eu”. Exemplo são as diversas redes sociais e os diversos dispositivos que podem nos manter conectados quase que permanentemente a essas identidades. Nesse caso, em tempos de deus-capitalismo, nossas identidades tornam-se diretamente cifras para o rei-facebook.



05.

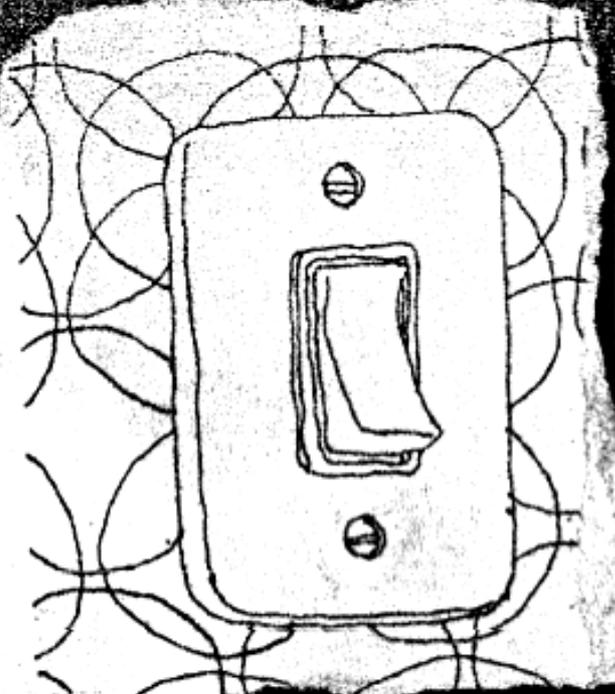
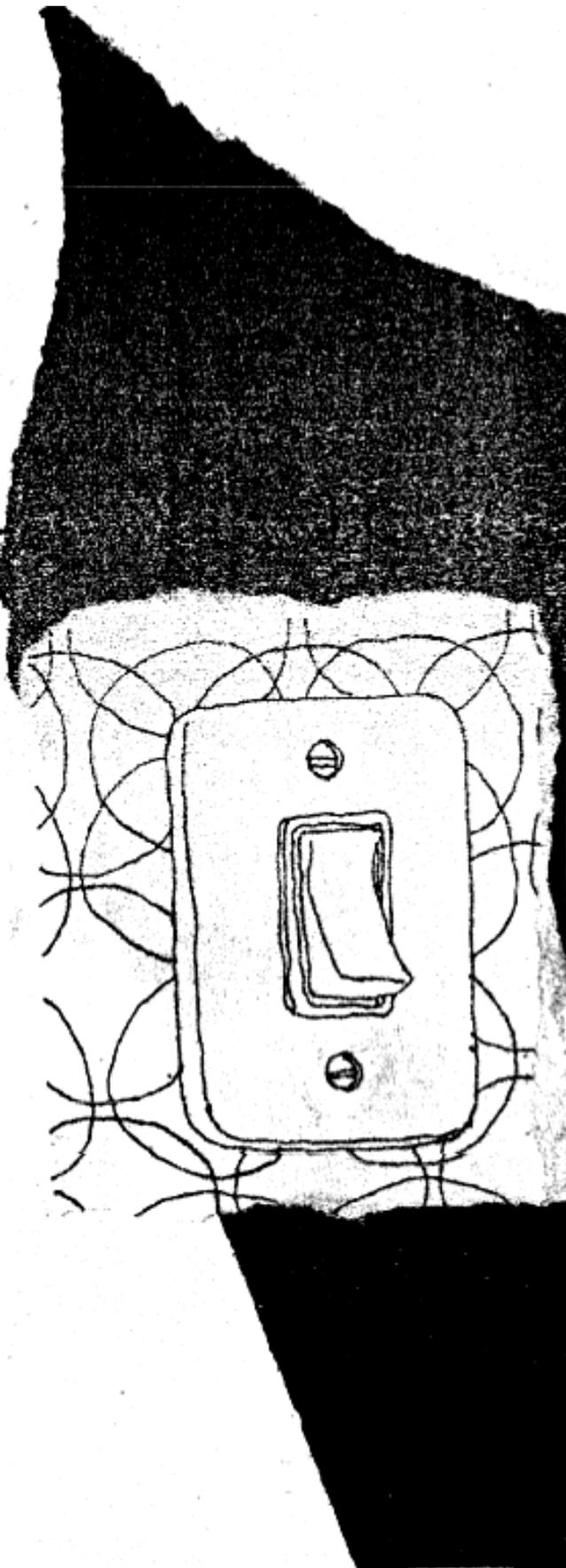


No quarto



"Nas cidades a vida é mais pequena
Que aqui na minha casa no cimo desse outeiro.
Na cidade as grandes casas fecham a vista à chave,
Escondem o horizonte, empurram o nosso olhar para
longe de todo o céu,
Tornam-nos pequenos porque nos tiram o que os nossos
olhos podem dar, E tornam-nos pobres porque a nos
única riqueza é ver."

—Alberto Caeiro



ma
org
enc
on
est
me
pa
co
pe
alv
sil
m:
co
so
al
M
El
co
fo
a
cc
pe
se
se
in
co
p
d
a
M
tr
b
d
li
in
d

Estava amanhecendo e o sol entrava fraco pela persiana de metal da janela fechada. Os dois ainda extasiados mantinham seus corpos letárgicos em uma respiração organicamente orquestrada. Ele olhava para o teto enquanto ela repousava de olhos fechados sobre seu ombro direito. Em uma sequência de gestos, como esfregar os olhos, inspirar o ar com força e esticar os membros, ela se levanta e caminha até o aparelho de som para escolher um disco para tocar. Ele apenas observa com uma expressão mista de menino que acaba de se perder com observador indiscreto que encontra um novo alvo. Ela queria uma música. Não para compensar o silêncio ou suprir a falta de alguma coisa. Passaram a madrugada dentro da mudez das bocas ofegantes, conectados pelas entrelinhas da linguagem da carne, seus sons e tremores. Não era também uma tentativa de criar algum clima ou escolher a trilha sonora para despertar. Mas não importa.

Ele manteve os olhos fixos sobre sua pele nua, de costas contra a luz fraca do sol que invadia timidamente o quarto formando uma silhueta na penumbra em que era possível apenas distinguir as delicadas linhas e curvas do seu corpo. Era uma mulher bonita. Seus traços tinham mais peculiaridades do que o senso comum exige e isso o seduzia. Só muito tempo depois de estar envolvido em seus encantos ele se deu conta de que ela era incrivelmente bonita, mas não como algum padrão conhecido. Não lembra mais o que o atraiu e o cativou primeiro, já que seu gosto não foge tanto do da maioria dos homens da sua idade. Pensa que se cruzasse-a na rua agora, sem a conhecer, nem chamaria tanto sua atenção. Mas hoje se inebria na beleza única em seus gestos, seus traços, texturas e cheiros. Estranhava isso, porque a beleza geralmente precisa de um referencial e, na maioria dos casos, precisa de um ideal a ser buscado. Ela estava livre de qualquer comparação, ao menos por aquele instante.

Admirava seus defeitos como quem admira os detalhes de uma obra prima, afinal, defeitos compõem a perfeição do real em oposição a do ideal. No entanto, não era uma admiração de quem deseja possuir aquele corpo. Não apenas. Era também isso, só que ia muito além. Contemplava sua existência mais para si mesma do que para ele. Amor, paixão, desejo, tesão ou simplesmente o ato de observar. Ele sabia que não iria dizer nada disso a ela, apenas confabular sozinho todos esses sentimentos indescritíveis. Mas esse era apenas um entre a gama de pensamentos perdidos que atravessavam seu ser. Um pensamento implantado por uma raiz profunda que sente brotar de dentro para fora, como todo pensamento legítimo deveria ser. Sendo, assim, radicalmente antagônico ao que germina nas monoculturas mentais por aí. E muito mais atraente. Afinal, o grande mérito de um pensamento é atrair as pessoas para ele, não importa o quão radical seja. E se ele distancia as pessoas, provavelmente não é radical o bastante, pois, quanto mais nos aprofundamos no solo interior em que penetramos e quanto mais tempo passamos imersos nele, menos tememos as contradições, menos nos preocupamos com as respostas e mais nos atemos às perguntas. Afinal, é somente nas perguntas que nos vemos em total comunhão uns com os outros.

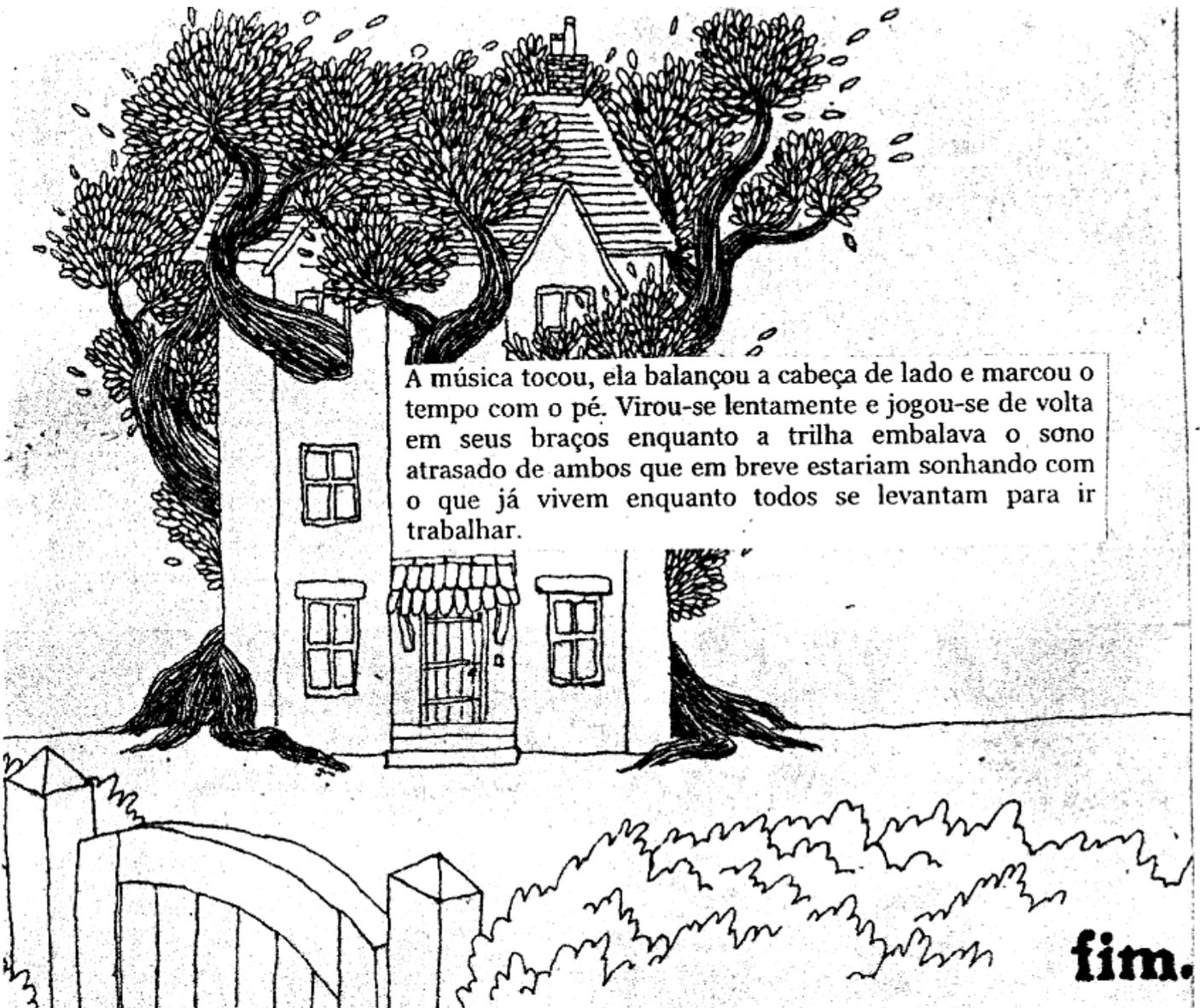
A contradição é a condição para o nascimento de uma ideia que rompa com a monocultura de pensamentos. Pois dentro desse contexto, o que não nasce de uma contradição nunca oferecerá oposição radical a nada. Porque se uma ideia tem completo amparo para ser posta em prática, então ela não rompe com as condições pré-existentes. Se radical vem de raiz, devemos ver ideias radicais como as raízes das gramas e ervas que lentamente rompem o cimento da calçada ou o concreto do viaduto. A contradição de nascer planta em um solo pavimentado é gritante, mas sem ela não existe sequer a possibilidade de que a vida volte a prevalecer num futuro qualquer. Se o concreto determinasse a vitória do morto sobre o vivo, não haveriam ervas brotando e, assim, nenhuma contradição. Haveria somente a morte prematura e desnecessária de um mundo soterrado por sonhos mesquinhos e sem raízes nesse planeta - para entender isso é preciso entender a diferença entre mundo e planeta. Mas o concreto está condenado ao fracasso e a semente que insiste em rachá-lo é a contradição necessária para que o conflito tenha ao menos dois lados desde já. Do contrário, a vida não ofereceria resistência e a ditadura da morte venceria sempre por W.O.. O engraçado é pensar que sementes, gramas e ervas são muito mais antigas e já travaram muito mais batalhas do que qualquer estrutura de ferro e cimento. E com certeza estarão lutando por sua existência muito depois que todas as pontes e prédios se esfurelarem.

(A)





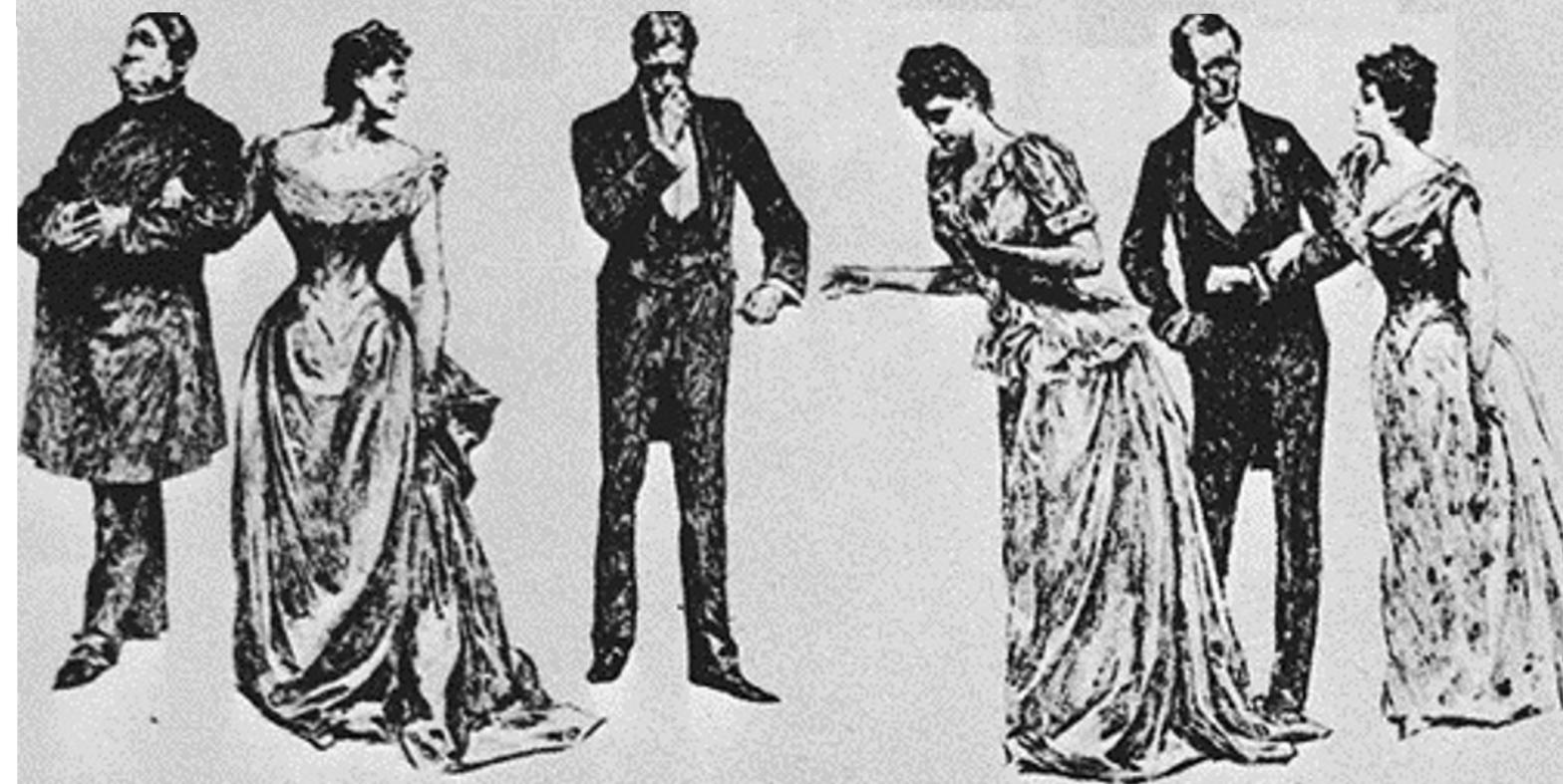
Como perdem um precioso tempo engenheiros, arquitetos, pedreiros e todos que habitam essas estruturas! Por que investem seus esforços e suas vidas em coisas tão imaturas e que já nasceram fadadas as durar tão pouco? Raízes e sementes sim merecem atenção pois certamente têm muito mais a nos dizer e nós temos muito mais o que esperar delas do que das sólidas paredes e colunas feitas a mão. Mas tudo isso também são apenas pensamentos que me atravessam enquanto escrevo, para em seguida atravessar quem lê, como uma espada grande ou um projétil poderoso o suficiente para perfurar dois corpos.



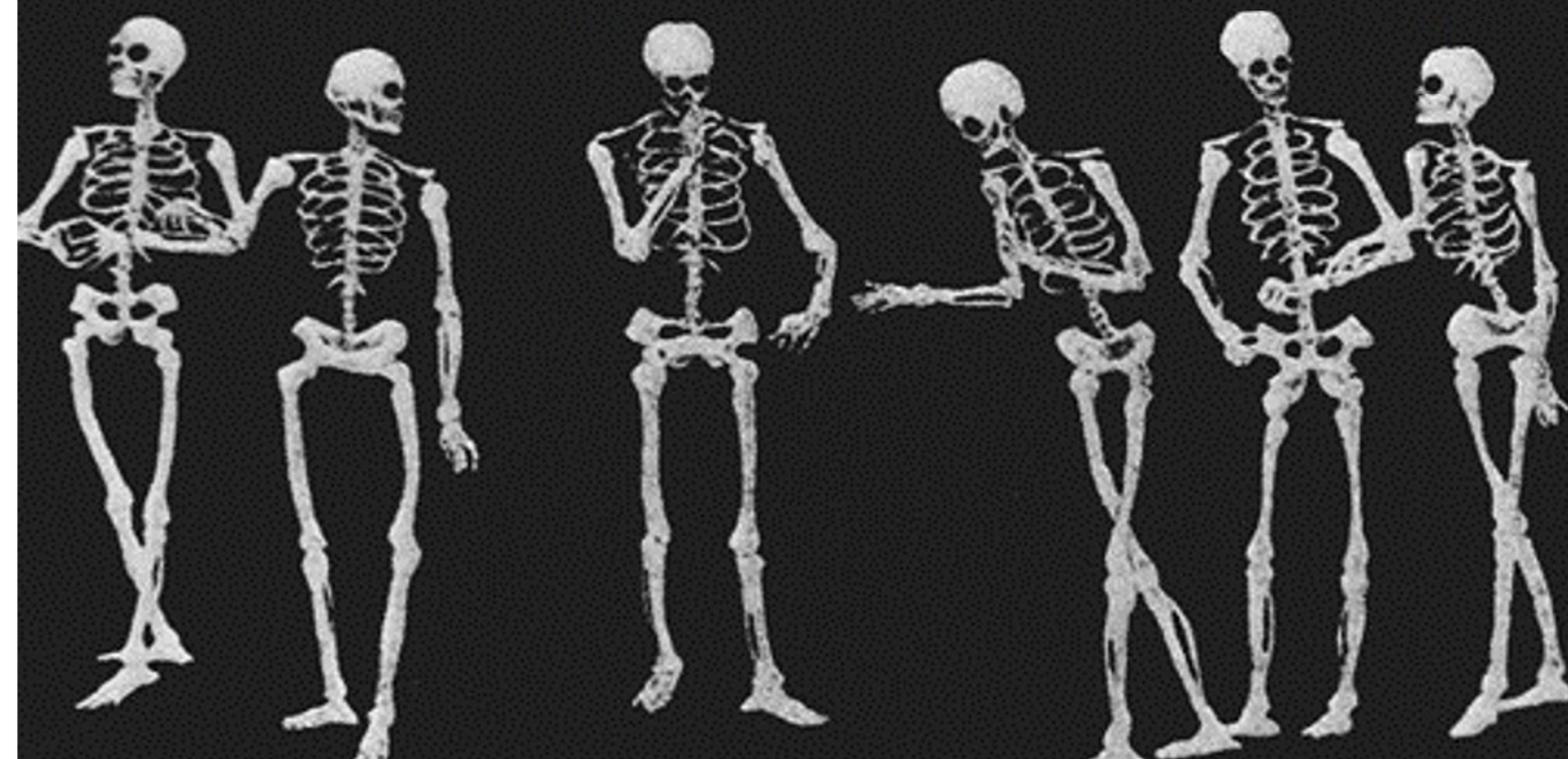
A música tocou, ela balançou a cabeça de lado e marcou o tempo com o pé. Virou-se lentamente e jogou-se de volta em seus braços enquanto a trilha embalava o sono atrasado de ambos que em breve estariam sonhando com o que já vivem enquanto todos se levantam para ir trabalhar.

fim.

06.



Amor, sexo e domesticação



6. amor, sexo e domesticação

O *matrimônio pode ser desacreditado* como sacramento cristão e seu valor como compromisso firmado perante Deus talvez não seja mais seu principal atributo. No entanto, a união conjugal ainda é inegavelmente o mais relevante laço entre duas pessoas perante a sociedade. A mais aguardada, desejada e celebrada de todas as uniões. Romantizada pelos jovens, prezada pelos velhos, agregadora de valor social e prestígio. Chegar ao fim da vida sem se casar ou constituir família ainda é um destino que muitas pessoas temem. Sinônimo de solidão e abandono. Sem falar na ideia de fracasso humano e econômico que carrega.

Impossível também negar que o casamento ainda exerce uma importante função no fluxo hereditário da propriedade e dos valores patriarcais. É ele a pedra inicial da constituição da família burguesa e de sua tradição. E mesmo sem cerimônia em igreja ou papéis no cartório é possível fundar a principal célula econômica capitalista. Longe das formalidades, juntar os trapos, montar um barraco e criar os filhos é um procedimento que tece e fortifica a estrutura social. Práticas como a monogamia, a heteronormatividade, a rígida noção hierárquica e autoritária entre gêneros e idades, seus papéis e suas funções são cristalizadas enquanto a prole absorve tudo isso dentro do lar. Não causa espanto que a origem da palavra “família” seja o termo *famulus*, que em latim significa “escravo doméstico”. Sem a família, nossa sociedade como a conhecemos desabaria sobre os próprios pés. O peso sacramental dessa instituição social recai sobre nossos laços afetivos e influencia nossas relações de parentesco, de amizade e sexuais afetivas¹.

Namoro ou amizade

O namoro é o treinamento para o casamento. Normalmente, identificamos o interesse de namorar alguém quando sentimos algo “mais que a amizade”. O que indica que depois de estabelecer certo nível de intimidade, confiança, atenção, afeto, a chama do desejo sexual pode ser acesa para consumir seus corpos e coroar sua união. Isso pode tornar a relação do casal de namorados a especial para ambos, pois é nela que o contato sexual terá permissão para existir. Talvez não seja a relação mais importante, mas à qual dedicaremos maior atenção. As chamadas telefônicas serão as de maior duração, as discussões sobre a relação serão as mais longas e frequentes, as manifestações de ciúmes serão as mais numerosas e intensas. Os dias livres, as economias guardadas para comprar presentes e qualquer outro privilégio a ser dividido terão endereço certo com o início de um namoro. Isso se deve a dois principais motivos intimamente conectados: o direcionamento que nossa sexualidade sofre para canalizar nossos impulsos sexuais ao companheiro amoroso, mantendo-os rigorosamente distantes das outras relações e, conseqüentemente, a supervalorização das relações sexuais afetivas.

¹ Usarei esse termo na falta de algo melhor para falar das pessoas que amamos (assim como nossas amizades) mas com as quais exploramos algum tipo de contato e atração física. Me incomoda a diferenciação entre os sentimentos que trazemos por cada pessoa. Cada um tem sua peculiaridade e sabemos o que cada um é para nós sem precisarmos de palavras. Mas estamos acostumados a generalizar objetivamente relações que deviam ser fluidas e subjetivas. Essa será a minha generalização, na tentativa previamente fracassada de tornar objetivo uma visão tão íntima e pessoal.



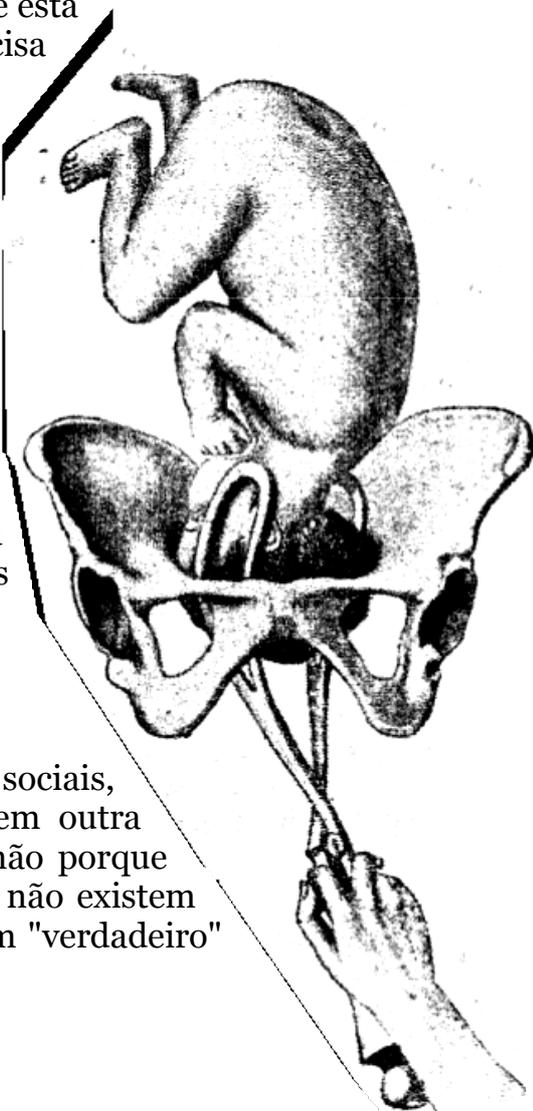
Se o namoro é uma réplica em miniatura do casamento, ele deverá carregar réplicas proporcionais das responsabilidades, dos deveres, direitos e conflitos dele. A amizade, por exemplo, não possui estágios tão bem definidos e seu desenrolar é um estreitamento ou afrouxamento dos laços de companheirismo, confiança, afeição. E talvez acompanhe também o desenvolvimento da maturidade das pessoas envolvidas. A amizade não passa por uma metamorfose como a lagarta que surge como namoro, se encasula com uma aliança na mão direita e sai transformada como uma aliança na mão esquerda e uma conta conjunta no banco. Se ela começou amizade, seu fim será o fim de uma amizade. A amizade não

demanda “versões-mini” de comemorações a cada aniversário do início da relação ou mini-exigências de fidelidade (essa que se tornará também uma exigência legal no casamento). O início de uma amizade geralmente está perdido no tempo e nas lembranças. Ninguém precisa perguntar: e aí, somos amigos, não somos?

A importância que os relacionamentos sexuais afetivos carregam, portanto, é ao mesmo tempo fruto de e motivo para que nossa curiosidade e nossos impulsos sexuais sejam represados e direcionados para relações específicas (ou especializadas). Haverá apenas uma pessoa encarregada do papel de responder a essa demanda. E seu papel será dos mais importantes. Quando seus amigos perguntam por que está tão sumida, alguém responderá: "ela está namorando" e todos compreenderão o motivo. Estranho seria dizer que ela arrumou uma nova amiga, pois, a não ser que esteja escondendo algo, por que essa nova amizade ofuscou as outras a ponto de privilegiar sua presença a das demais?

O desejo e o mercado

Impossível falar de desejos, sem falarmos de contextos sociais, culturais, históricos. Eles mudam e, se estivéssemos em outra sociedade, eles provavelmente seriam diferentes. Mas não porque seríamos livres para sentir nossos desejos "naturais" — não existem tais coisas. Além da vida que você vive, você não tem um "verdadeiro"



eu – você é exatamente o que você faz, pensa e sente. Essa é a real tragédia para o homem que passa sua vida falando no seu telefone celular e frequentando reuniões de negócios e brincando com o controle remoto: não é que ele negue a si os seus sonhos, necessariamente, mas que ele os faz responderem à realidade ao invés de tentar o oposto. O contador visto com tanta pena por amantes adolescentes que fugiram de casa pode na verdade estar feliz quando chega em casa depois do trabalho a tempo de assistir seu seriado favorito – mas é uma felicidade muito diferente da que eles vivenciam na estrada.

O desejo sexual é geralmente o primeiro e principal impulso rumo à parceria sexual afetiva. Satisfazê-lo é a primeira lei na busca pelas redes de relacionamento virtuais e nos shoppings centers do acasalamento (boates, festas, bares, etc). Esse desejo é despido das responsabilidades e dos compromissos antes inseparáveis aos estágios pré-nupciais. O sexo hoje está mais despojado de toda essa papelada social e liberado para surgir e desaparecer rápido como um clicar de mouse, sem que para isso seja necessário recorrer invariavelmente à prostituição ou a outros "mercados negros". Essa talvez seja uma resposta descolada para uma pesada responsabilidade e para o controle que foi colocado em cima das nossas relações pela tradição e pela instituição do matrimônio. Assim como as redes sociais são um resultado colateral

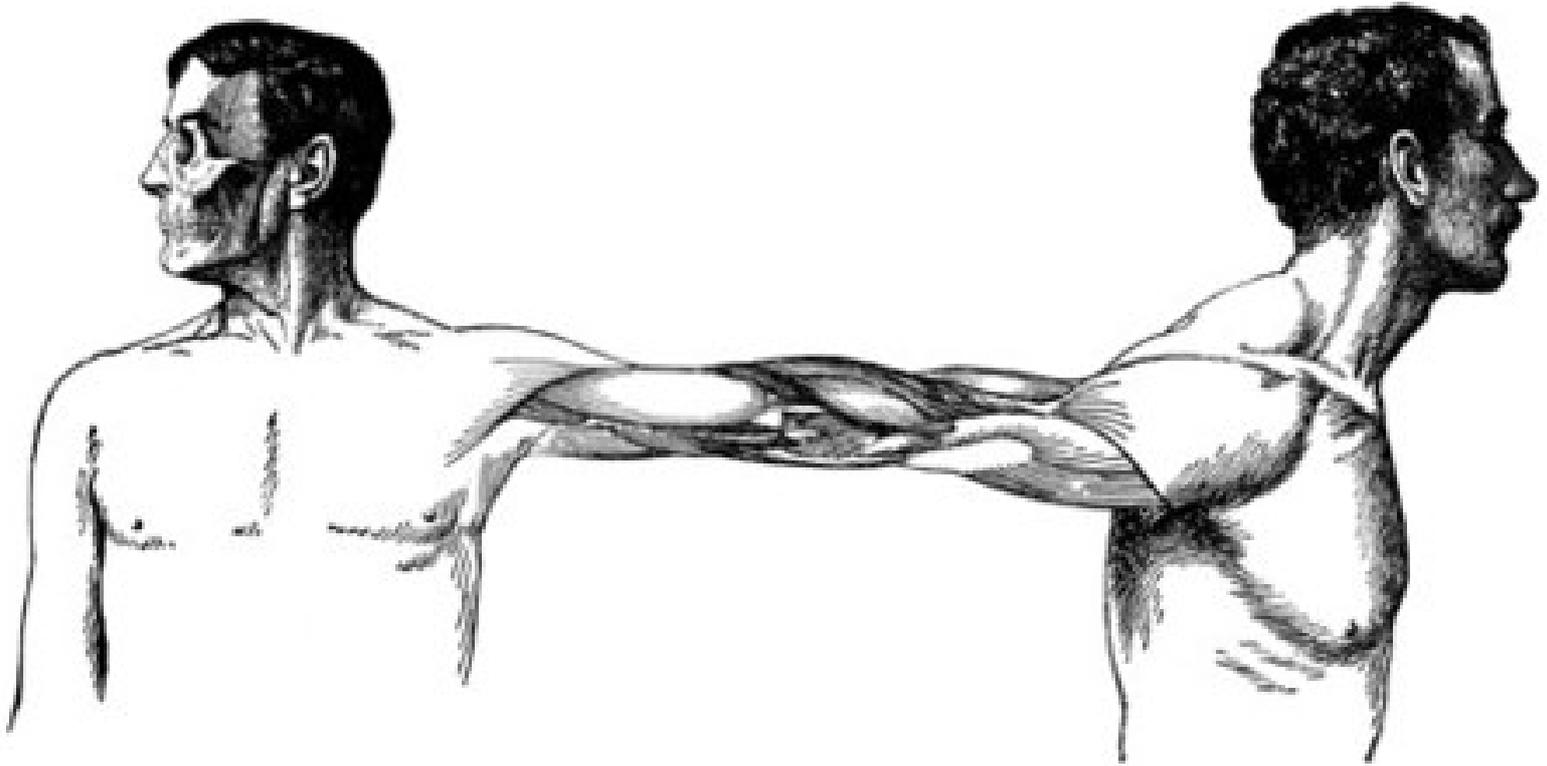
do isolamento e da individualidade cada vez mais nucleares nas grandes cidades que, de agora em diante, influenciam todas as formas de se relacionar. Podemos nos conectar e desconectar sem gastar muita energia ou causar muitos danos. Nos sentimos seguros por não termos prejuízos maiores ao atar o desatar esses laços superficiais, mas definhamos em nossas individualidades isoladas por não termos nada sólido nem ninguém realmente presente para nos apoiar.

O descompromisso e a promiscuidade às vezes são uma resposta ao ascetismo moral (ou moralismo) e vistos, equivocadamente, como libertação. As boates e casas de swing, por exemplo, não são mais livres: são mais liberais. E a maioria das pessoas que



buscam estar ali se satisfaz com isso. O descompromisso e a promiscuidade não rompem com a regra, apenas viram o outro lado da mesma moeda. Estando, assim, atrelados ao mesmo eixo.

O motivo de tudo isso pode ser a domesticação (ordenação artificial) do impulso e da curiosidade sexuais para a parceria una e especializada do namoro, reflexo em menor escala do compromisso matrimonial. Nossa sexualidade é canalizada para um dia ser funcional ao casamento, à procriação, constituição e manutenção da família heterossexual. Por isso a utilidade de tabus como o incesto, a homossexualidade, as relações não-monogâmicas, etc.



Na moderna vida urbana, o desejo se tornou completamente livre de compromissos e de responsabilidades antes tão rigidamente mantidos. Mas talvez o que veio antes – a ordenação, a legislação, o controle social – foi apenas uma deixa para que ele se tornasse um produto para ser vendido quando a tradição não fosse mais capaz de mantê-lo. Nada vende mais, seja qual for o mercado, do que aquilo que estava sob difícil acesso e de repente aparece aos montes nas prateleiras e com um crédito fácil. E talvez, para quebrar o ciclo que estamos iniciando hoje, tenhamos que romper com os ciclos domesticadores que o antecederam. Sem todas essas barreiras direcionando o caminho a ser traçado pelos nossos impulsos, talvez nossas experiências íntimas e afetivas (sexuais ou não) estivessem pulverizadas sobre várias de nossas relações pessoais e mais difícil seria organizar e ordenar sua conduta.

07.

"Um indivíduo é revolucionário somente quando há revolução, o resto do tempo resiste ou provoca."

—Jesús Sepúlveda

Criatividade libertadora



07. criatividade libertadora

Não há nenhuma nobreza, nem nenhuma superioridade moral no que digo. O que quero para mim e para o mundo não é em si a melhor opção possível, nem a mais certa. É simplesmente o que prefiro. Uma escolha dentre infinitas possibilidades. Eu simplesmente não quero buscar um lugar confortável dentro desse mundo e chamar isso de liberdade. Não quero repetir até morrer que é preciso ser honesto, trabalhar, pagar as contas e comprar o que meu orçamento me permite para ter alguma garantia de felicidade ou uma aposentadoria segura. Simplesmente discordo de que o planeta é nosso para fazermos o que quisermos.

Eu nem acredito em um nós, pois eu não ganhei nenhuma Copa do Mundo, não sou o maior exportador de carne ou minério, não estou atrás nem na frente de ninguém no índice de analfabetismo e nem enviei tropas para o Haiti. Essa identidade não existe e não quero fingir que sim. Não me interessa o que o progresso tecnológico pode me oferecer pelo preço de mais devastação e escravidão. Não me satisfaz viver em um mundo de mentira projetado e executado para conter o patriarca branco de meia idade e seus súditos, colonizando o que ainda não foi soterrado por concreto e asfalto para fornecer comida, matéria-prima e energia para manter o processo alienante e suicida que chamamos de crescimento, progresso. Não quero ser um cidadão, um eleitor, um consumidor, um estudante, um bacharel, um militante, um empregado ou um patrão. Se você simplesmente também não quer, então acho que realmente temos alguma coisa em comum.

E assim como não há de quem se orgulhar, não há do que se envergonhar. Não há por que não tentar viver o que queremos, assim como não há por que aceitar continuar fazendo tudo isso que não queremos. E se já sabemos o que gostaríamos de ver abolido do mundo, temos que abolir de nossas vidas, pois elas são o único terreno em que queremos ter total controle. Se você, como eu, acha que certas coisas são inaceitáveis, provavelmente concorda que a única coisa que podemos fazer é nos



desvencilhar delas e dizer aos que estão ao redor nossos motivos. Pois não precisamos impor nada a ninguém. Não tenha medo de dizer o que quer para sua vida e de tentar passar suas ideias adiante.

Dizer do que gostamos, o que queremos e o que somos contra não tem nada a ver com tentar dizer às pessoas o que elas devem ou não fazer. Não caia na armadilha daqueles pseudo-rebeldes, acadêmicos de boteco que relativizam tudo e enxergam qualquer opinião que indique uma ruptura radical com a ordem estabelecida como um possível totalitarismo travestido.

Algumas pessoas não conhecem formas de apresentar uma nova opinião que não passem pela imposição dela como uma nova determinação do que é certo e errado para todas. Porque é isso que nossa cultura faz e é isso que aprendemos a fazer. Deixe-as morrer de tédio entre garrafas no bar ou em cima dos livros da faculdade e vamos buscar entre nossas afinidades novas formas de agir e revolucionar nossas vidas. Se formos sinceros e criarmos algo mais divertido, emocionante e atraente do que essa vida miserável que nos é apresentada, não precisaremos impor nada a ninguém e nem tentar argumentar com valores universais para que as pessoas desistam de reproduzir uma cultura suicida e se abram para uma criatividade libertadora.



De: Janos Biro

para: zenite.queda

19 de março de 2010 14:41

assunto: um comentário sobre seu último texto

Olá,

Eu quero fazer esse comentário particularmente, porque eu acho que tem algo muito confuso no texto. A impressão que eu tenho é que há uma desconfiança acerca de tudo que está sendo dito aí. Um medo de falar com autoridade, que acaba por anular o valor de suas próprias palavras. Como se dissesse: "Não levem muito a sério o que estou dizendo. Não é como se eu estivesse certo, é só uma opinião pessoal". Mas essa tentativa de neutralizar as ideias é falsa, porque evita marcar posições claras. Não há como querer algo para si e para o mundo que seja "simplesmente o que prefiro". Aliás, isso justificaria o conformismo daqueles que "simplesmente preferem" não fazer nada.

Pois de fato ali há ideias que pressupõem conhecimentos (não meras opiniões ou preferências), e que marcam posições e oposições. Se fosse uma escolha neutra dentre infinitas possibilidades, isso anularia o significado de tudo que está sendo defendido.

Quando você diz "eu não quero", tem que haver um motivo para não querer. Não se pode justificar tudo com o simples "querer", porque isso não passaria de mais um infantilismo que, a propósito, é incentivado pelo próprio consumismo que você pretende combater.

Não é possível ficar neutro num trem em movimento.

Você não pode "simplesmente discordar" de algo. Você sabe que tem uma razão para discordar, porque se não fivesse isso seria absolutamente sem sentido. Seria uma simples disputa de ego, de quem prefere as coisas assim ou assado, de quem acha que é assim e de quem simplesmente discorda. Ai você pode estar entrando numa contradição.

Acho que você não pode interpretar o "você tem que desistir" como "Você tem que simplesmente desistir, sem pensar, apenas faça", porque aí seria nada mais do que uma doutrina do choque, um autoritarismo de zumbis anticivilização.

Veja, eu concordo com todas as oposições que você marcou no texto, porém, ao dizer da forma como você disse, você mesmo nega o valor dessas posições, como se elas fossem arbitrarias, pudessem ser escolhidas ao acaso, pelo gosto, e não pela confirmação que vem da observação e análise da realidade.

O que uma pessoa de fora verá ali é simplesmente o brado inerte de um rebelde sem causa. Você não pode justificar suas ações pelo querer, porque aí você se iguala ao conformista, que simplesmente quer que tudo continue como está.

Um capitalista poderia simplesmente dizer: é isso aí, não devo ter medo de dizer que o que eu quero é dinheiro e poder. E de fato o mundo caminha para isso. Isso já está acontecendo. A novela já está incentivando as pessoas a "viver a própria vida", realizar seus desejos e não ter medo de se opor a um desafio. Vale tudo em nome da felicidade, e do que se quer. "Capitalismo selvagem" nunca teve uma conotação tão séria.

Principalmente, pense direito nessa afirmação: "Dizer do que gostamos, o que queremos e o que somos contra não tem nada a ver com tentar dizer às pessoas o que elas devem ou não fazer." É claro que tem! Se não tivesse, todo discurso seria vazio. Para que falar então? A função da fala é a intervenção. Se você cair num individualismo radical de que ninguém pode interferir na vida (e nem sequer nos pensamentos) de ninguém, então pare de falar, porque as pessoas vão simplesmente continuar caminhando para onde estão caminhando agora.

Você não pode achar que a única solução é as pessoas realizarem seus desejos, por que quem é que está impedindo-as de realizarem seus desejos senão elas mesmas? A sociedade é feita de desejos humanos. Se há proibição, há desejo de proibir. A proibição não se sustenta por si só, ela é feita de desejos humanos também.

Agora, o que você quer dizer com essa frase: "Não caia na armadilha daqueles pseudo-rebeldes, acadêmicos de boteco que relativizam tudo e enxergam qualquer opinião que indique uma ruptura radical com a ordem estabelecida como um possível totalitarismo travestido"?

Em primeiro lugar, como uma opinião pode indicar ruptura radical? Opinião é opinião, não está sujeita a confirmação ou negação. O que é opcional não pode ser radical. O que é radical é urgente, portanto imprescindível. Aqueles que acham que tudo que é radical é totalitário são precisamente aqueles que confundem autoridade com autoritarismo, porque acham que se eu digo que algo é necessário, estou tentando impor uma necessidade que não é necessária. Nesse sentido, você mesmo está chamando para a ação, embora anule o valor desse chamado pelos motivos que eu expus acima.

O fato é que opiniões não podem impor coisa alguma, a não ser pela força da retórica. E esse texto faz várias afirmações que não são meras opiniões, mas exposições de fatos com valor de verdade, que pressupõem uma percepção do que é certo e do que é errado. Isso é inevitável. Porém, a modernidade relativiza o valor da verdade e dá valor à mera opinião, o que é uma estratégia que visa tornar toda crítica à sociedade completamente insignificante. Se o que você diz não é certo nem errado, então você não precisaria dizer nada.

Por fim, quando clama por "buscar entre nossas afinidades novas formas de agir e revolucionar nossas vidas", eu penso que você está colocando a criatividade como forma de não impor nada. Porém, a própria criatividade pode ser um valor imposto. A geração de coisas simplesmente novas, sem o discernimento a respeito de quem elas estão servindo, contanto que sejam agradáveis, pode ser benéfica ao capitalismo.

Você está certo em dizer que não precisamos de valores universais, e no fundo não precisamos de valor algum, para desistir de reproduzir uma cultura suicida e se abrir para uma criatividade libertadora. Certo. Agora o que caracteriza uma cultura suicida? Se eu não tenho valores universais, então uma cultura suicida para mim pode ser qualquer coisa, eu mesmo escolho. Pode ser uma cultura primitiva. A criatividade libertadora, para mim, pode ser viver criando novos sistemas financeiros mais eficientes para gerar lucro, pode ser criatividade de investimentos, que me liberta da pobreza, que eu percebo como suicida. Não há como fugir de valores. Se você foge, torna vazia sua crítica. Estou dizendo isso com a intenção de ajudar, não para destruir suas ideias, mas para torná-las mais claras e objetivas.

Abraços



08.

Frustração como arte



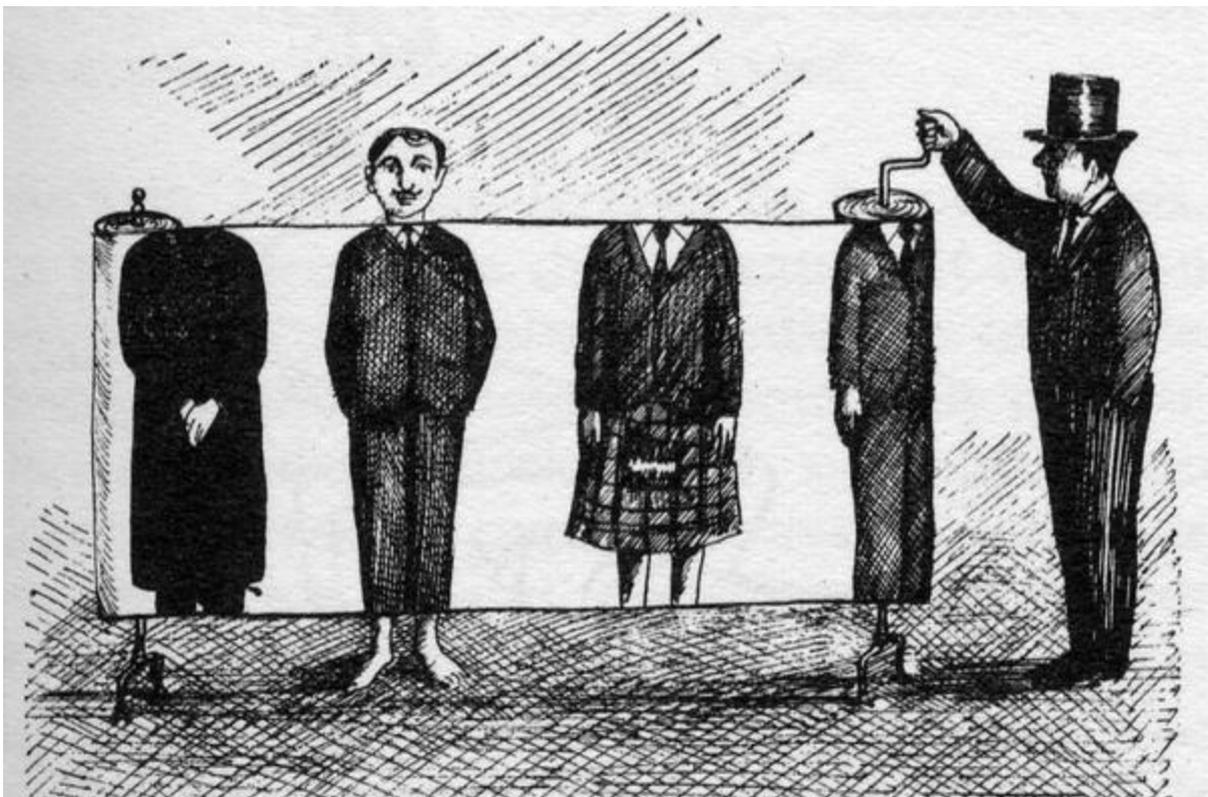
08. frustração como arte (ou arte como frustração?)

I

A arte é um substituto ineficiente para a vida. Assim como qualquer linguagem, símbolo, signo ou imagem é para a realidade. E isso é cada vez mais sensível em um mundo no auge de uma era dita da informação, onde parece não haver mais superfície terrestre fora do alcance de cabos ópticos, ondas de rádio ou que não esteja na mira da câmera de um satélite, de um circuito interno de tv ou de um smartphone. Todos esses recursos usados para construir o que entendemos por mundo à partir de figuras virtuais do que acontece em tempo real num outro continente ou na portaria de nossos prédios e casas, enquanto nos mantém em uma relação mediada com o que ocorre e existe ao nosso redor.

Apreendemos uma noção de mundo e realidade majoritariamente através dessas imagens produzidas nas torres de marfim e porões hi-tec de onde se controlam a mídia e os canais pelos quais toda a informação vai passar antes de ser lançada de cima para todas as outras direções, camadas e classes. Essas imagens são uma construção simbólica, que sintetiza toda uma realidade em representações na qual vamos buscar referência.

Na cidade das massas, mesmo com toda a “interação” e toda a “participação” proporcionada pelas novas tecnologias que permitem a qualquer um ser um produtor e difusor de conteúdo, o grosso do referencial para toda essa representação que as hordas digerem ainda são criadas e manipuladas em núcleos que exercem um controle desproporcional sobre o que circula. Qualquer um pode se sentir produtor de conteúdo simbólico consumível e contribuir para a manutenção ou construção de valores dentro do sistema. Assim como o mercado já permite que cada vez mais pessoas possam desfrutar de um espírito empreendedor e levar seu pequeno ou microscópico negócio. Afinal, o que são os perfis em redes sociais se não a promoção de nosso mais individual produto: nós mesmos. Mas isso de forma alguma tem a ver com descentralização ou liberdade. É apenas uma característica



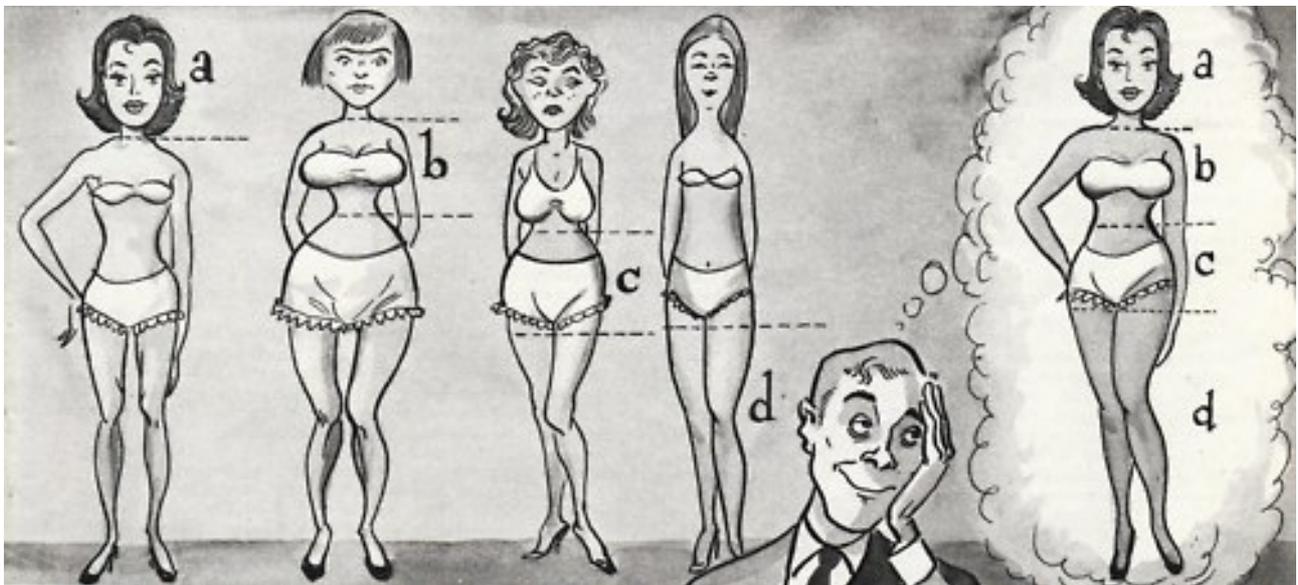
básica do liberalismo. O importante é que todos compartilhem valores e se sintam parte de sua construção, sentindo que também saem lucrando. Valores que vão nos levar a manter essa pirâmide social de pé, assim como seu mercado funcionando e a riqueza fluindo da grande base para se concentrar cada vez mais no topo. Desigualdade não tem nada a ver com menos ou mais participação, mas com o esse fluxo desigual de influência, controle e riquezas.

II

Quem manipula melhor o código e o símbolo se torna real uma vez que a “realidade” está suspensa e plástica, impressa nas bancas de jornal, transmitida pela tv e esparramada pela internet. E todos vão adaptar seu mundo particular, seu imaginário e seus corpos a ela. Quando não se adaptam, mantem-se em função dela, em relação a ela, que será sempre o norte, referência que vai dizer onde estamos. Ser homem ou mulher, mais do que nunca, é uma adequada manipulação de símbolos e não uma questão de fisiologia ou cromossomos.

O que faz homens interromperem sua caminhada próximo às capas de revistas eróticas nas bancas não tem relação nenhuma com um ser humano. Não respira, não sente, não olha nem encara, não responde e nem conta histórias. É uma imagem, um perfil sintético, um arquétipo. Isso merece uma crítica para além da questão da padronização de gostos e desejos. Não é mais uma questão de pautar um padrão em modelos fotográficas que deram a sorte ou o azar de nascerem geneticamente próximas de um padrão imposto a todo o resto em determinado tempo e lugar. Não é mais apenas escolher uma forma dentre as infinitas peculiaridades dos corpos que existem. Agora se fabricam a forma como que do nada. Desenham-se ideais em cima da imagem adulterada de corpos e nos vendem as fotos de um objeto que só existe em um mundo ideal como se agora ele fosse real, palpável e estivesse apenas fora de nossa visão. Usam da imagem desses corpos-modelo para criar a imagem do que “deveria ser”. Aos demais, resta buscar não apenas um padrão excludente, mas uma imagem inexistente dos corpos e arquétipos maquiados e recriados em computador. Imagens que não correspondem em quase nada nem mesmo à realidade daquele ser que foi fotografado.

Voltemos aos homens em frente às bancas, aos vídeos na internet, nos clubes de dançarinas ou frente às webcams. Eles não estão buscando interação humana, mas antes de tudo buscam ter acesso a uma imagem, uma idealização, uma utopia sexual miserável. Fica mais fácil imaginar quando pensamos que a Pinacoteca do Estado de São Paulo precise constantemente de restauradores especializados em recuperar a superfície de estátuas danificadas pelo contato com a oleosidade das mãos que apalpam diariamente seios, bundas e genitais das obras. O que leva pessoas a erotizar estátuas é o mesmo que deixa outras excitadas ao ver figuras editadas de corpos que não existem: o fato de que não há mais humanidade ali, mas uma imagem ideal. O que torna semelhante as estátuas e as pessoas molestadas não são suas formas, mas o fato de que tacam-lhes a mão em cima em busca de uma abstração inventada que paira no ar a procura de um corpo para se materializar.



III

O corpo alienado do ser é visto como objeto nas mãos do outro. Um recurso a ser utilizado de acordo com as intenções e o poder que este tem. O passo seguinte é alienar desse corpo a sua própria imagem, substituída por uma abstração irreal com a qual estaremos em uma sintonia maior do que a que temos com nossos próprios corpos e com os corpos das pessoas com as quais convivemos. Somos ensinados na eterna insatisfação com os corpos reais e na busca pelos corpos ideais. Ao fim desse processo, todas somos especialistas em como nossos corpos deveriam ser, mas poucas sabem ou se interessam em saber como eles realmente são.

Isso nos diz muito sobre a arte e sobre a linguagem em geral. É bem provável que toda linguagem tenha surgido como um involuntário e inconsciente protesto a uma realidade em algum sentido frustrante. Pinturas rupestres surgiram quando humanos muitas vezes queriam representar seres e situações que não mais existiam. O símbolo traz à mente a realidade que tornou-se distante, alienada. A representação fica mais "real" quando a realidade já não está presente. Para que ter em casa o retrato perfeito de um belo por do sol, quando o horizonte é amplo e não há nenhuma outra obrigação rotineira que nos impede de sentar para vê-lo? Seguindo o mesmo raciocínio, porque recorrer à pornografia como única ou predominante experiência sexual quando se está em um ou mais relacionamentos afetivos e sexuais saudáveis?

O poder do símbolo é o não-poder da vida. É a ausência da vida e a tentativa de tomar o seu lugar. Talvez seja essa a maldição dos artistas virtuosos e reclusos. Se recolhem para se inspirar, ou se inspiram uma vez que se encontram isolados? A demanda por concentração é isolante. Escher dizia que seu trabalho exigia dedicação e isso tomava seu tempo que era cada vez menos dedicado ao contato social e à sua família. Sua arte o isolava para produzir mais isolamento. Seus cálculos, que o permitiam habilmente tanto retratar quanto distorcer a realidade de forma exuberante e sua total dedicação à técnica, o caracterizam como um legítimo especialista. E o que são especialistas se não o lamentável resultado do rompimento de uma sociedade com o ambiente que a sustenta? Só é possível uma classe de pessoas dedicar inteiramente seu tempo e sua energia no exercício de uma única

atividade quando há gente o suficiente trabalhando para que todas as suas outras necessidades sejam supridas. No caso dos artistas, eles precisam também estar frustrados o suficiente para preferir uma representação ao desfrute direto da beleza do mundo real. Ou então, que a realidade em si também esteja degradada o bastante. O importante é sabermos da relação que há entre criação artística e simbólica e a ausência do real.

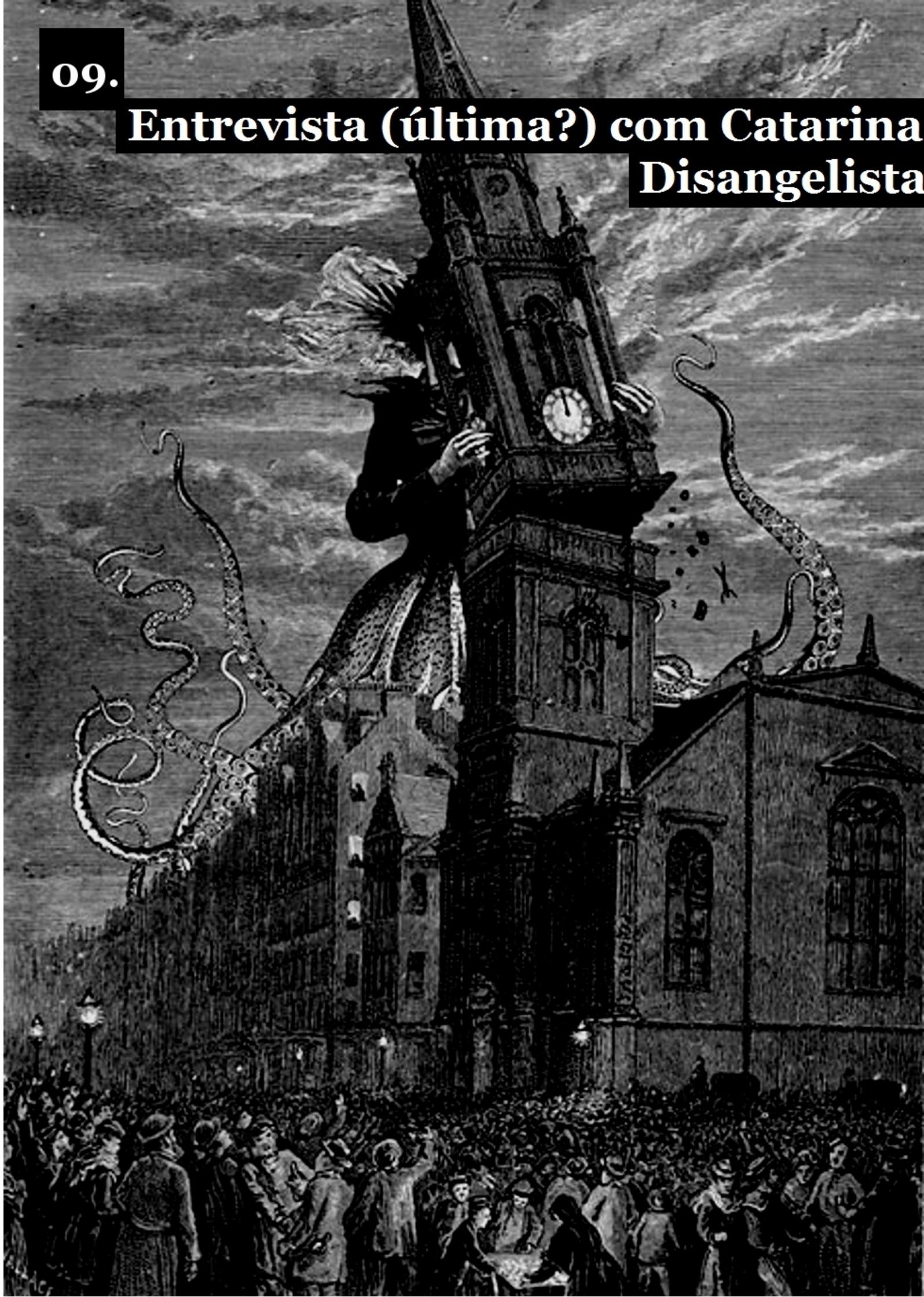
IV

A arte imita a vida? É possível um símbolo imitar? A arte recorta e reduz a vida assim como a razão o faz com o mundo. Acreditar que racionalmente compreenderemos o mundo ou a realidade é o mesmo que supor que poderemos representar todo o universo e toda a existência com obras de arte. Isso seria impossível mesmo com toda as artes trabalhando juntas num grande e único projeto. Melhor acatar nossos limites e encarar que nossa razão e todos os cinco sentidos são uma redoma da qual nunca escaparemos. Pelo menos não enquanto usarmos ela mesma como ferramenta para a fuga. Arte é um recurso da frustração que confundimos como porta de saída. Não há saída. A porta é só de entrada e até o fim de nossa existência carregaremos o fardo da frustração e do trauma para transformá-los em desfrutáveis expressões estéticas. Não existe retorno e nem motivos para buscá-lo. A frustração é a conexão direta com o que nos aconteceu. É estar ligado ao real. Negar a arte seria negar o que causa o sofrimento. Seria mentir para si, seria se trair. Mas esperar que a arte diga a verdade seria outra enganação.



09.

Entrevista (última?) com Catarina Disangelista



09. última entrevista de Catarina Disangelista

- Para começar, gostaria de saber melhor quem é Catarina Disangelista.

Isso é o que menos importa. Até mesmo fazer essa pergunta cria uma distância entre nós e as pessoas que não conhecemos. Só vamos saber quem elas são vivendo e convivendo com elas. No caso, acho que o mais importante são as ideias, os debates, as questões maiores. Uma vez que a única coisa que está nos colocando em contato no momento é um discurso.

- Certo. Questões maiores, no caso, podemos tirar do texto *Selvage - Da Anarquia à Selvageria*, de 2010.

Na verdade o texto é de 2008 e já circulava pela internet desde então. Mas um coletivo de São Paulo decidiu lançá-lo em 2010 como se eu fosse membro do grupo. Aliás, como se fosse uma líder ou guru, não sei. Na verdade acho que foi apenas uma piada mal executada. E o texto foi um pouco modificado e atualizado na edição deles.

- Mas você não faz parte do coletivo *Você Tem Que Desistir*, que no caso foi quem lançou o zine?

Não, nunca fiz parte. Parece que um dos membros do grupo assinava textos e realizava atividades com o meu nome. Não que eu vejo algum problema sério com autoria, mas ele podia ter escolhido seu próprio heterônimo. Algo chamasse a responsabilidade de seus atos para ele apenas. Pois a intenção inicial, pelo que li, era a mesma que a minha quando criei essa assinatura: passar um nome que pairasse no ar sem vida, enquanto os corpos vivem e interage com outros de carne e osso.

- Como assim?

Quando assinamos alguma coisa, colocamos um nome que vai ser conhecido por pessoas com as quais nunca tivemos contato direto. É uma relação distante e falsa com uma imagem do que somos. Então que seja somente isso, um nome ou imagem sem vida real. Assim como é o nome e a imagem que temos de todas as pessoas que não conhecemos pessoalmente, mas das quais conhecemos seus trabalhos. Qualquer imagem que temos delas é apenas uma falsa projeção.

- Então é mentira também que o *Selvage* teria uma continuação?

Não, na verdade quando lancei o primeiro texto, o segundo estava sendo escrito por mim e por outros membros do meu coletivo na época enquanto experimentávamos nossas visões de mundo e intenções políticas. Mas a ideia foi abortada quando o coletivo se dissolveu. Mas acho que o texto cumpriu seu papel, mesmo com seus erros e acertos.

- E quais eram as intenções?

Trazer a crítica a civilização para um debate mais produtivo e claro do que o que se

seguiu a vinda do Zerzan ao Brasil em 2008. Muitos grupos se manifestaram como se estivessem ameaçados pela presença do debate das ideias anti-civilização e apresentaram manifestações e críticas infantis feitas por pessoas que claramente não leram e, conseqüentemente, não entenderam um mínimo para se tirar alguma conclusão ou contra ponto coerente. Principalmente com relação à crítica a tecnologia, às propostas de ação e a relação com as demais lutas anarquistas. Por outro lado, haviam muitos grupos que já tiveram contato com autores como Daniel Quinn ou materiais como os compilados pelo coletivo Erva Daninha, ou até grupos que já atuavam de alguma forma, mas tentaram colocar as ideias em prática de uma maneira meio literal, digamos.

- Como, por exemplo, quando Quinn disse que na nossa sociedade a comida está trancada e algumas pessoas então decidiram arrancar as portas dos armários da cozinha?

Exatamente, esse caso é um clássico (risos). E temos muitos outros exemplos da crítica à civilização sendo colocada em prática de forma ideológica e arrogante. Mas o que mais me motivou a escrever algo para contribuir com o debate foram as críticas agressivas e depreciativas de pessoas que não discutiram nem entenderam o que está sendo colocado em questão e se preocuparam apenas em buscar argumentos para suprir uma necessidade de se combater alguma coisa. Ouvi coisas como que ser anti-civilização anularia outras lutas como o direito ao aborto, uma vez que se formos contra tecnologia, estaríamos sujeitos a dilemas que ameaçariam, por exemplo, o acesso de uma mulher a um aborto seguro, uma clínica legalizada e devidamente equipada. Isso mostra que as pessoas não fazem um esforço mínimo para entender críticas mais contundentes. E estou falando de pessoas inteligentes, que se consideram anarquistas, que falam coisas incríveis e fazem coisas importantíssimas. Essa questão, assim como outras, pra mim é muito simples se analisarmos sem ficar na defensiva. A interrupção da gravidez deve ser um direito de toda pessoa que possui um corpo capaz de engravidar. Se isso, em nosso contexto, é possível apenas em clínicas com profissionais especializados e equipamentos sofisticados, é assim que ele deve ser realizado. Não há o que questionar. Mas não podemos deixar de olhar as histórias das sociedades para além de nossa miopa cultural para entender que o aborto já foi e ainda é praticado em muitas sociedades indígenas e selvagens. E muito antes da nossa era moderna em nossa própria sociedade, com recursos simples e naturais como ervas, chás, raízes. Em alguns casos com auxílio de instrumentos bem rudimentares. E isso nunca significou necessariamente um risco mortal para as pessoas que praticavam. E, aliás, qualquer pessoa que já teve um contato com ginecologia natural ou já praticou um aborto seguro, sabe que é um procedimento muito mais simples do que se imagina. Assim como quase tudo referente à nossa saúde, que agora está trancada também em consultórios e prateleiras de farmácias. Um efeito da especialização e alienação do nossos corpos que acontece no processo civilizatório.

- Assim como estamos recorrendo agora à tecnologia para realizar e publicar essa entrevista ou praticamente qualquer projeto ou ação que envolvam as mídias atuais.

Assim como muitas coisas ou quase tudo o que fizemos para derrubar um sistema de dentro dele. Se não estivermos cercados por contradições e hipocrisia, das duas uma: ou estamos de fora da civilização e devidamente munidos para destruí-la sem

utilizar nem sequer uma ferramenta produzida por ela, ou então ela já foi derrotada e já temos uma sociedade nova e totalmente diferente dela. E não acho que seja o caso de nenhuma delas. Pois, qualquer coisa diferente dessa sociedade, desse sistema ou está sendo exterminado por ele ou ainda não surgiu.

- Você, então, acredita que a contradição seja importante?

Não que seja importante ou que devamos buscar ser contraditórios ou "do contra". É uma simples constatação de que é inevitável construir uma sociedade, estando dentro de outra, sem passar por um momento em que estar em contradição seja algo predominante. Existe uma mania de refutar a contradição, como se fosse algo negativo, uma falha. Engraçado ver esse tipo de argumento dentro do meio anarquista quando vamos discutir ideias anti-civilização. Ser anarquista em um mundo capitalista já é a pura contradição. Nos posicionamos criticamente contra o Estado, a igreja, o mercado, o capital, a propriedade privada, a escola, a academia, a mídia, o trabalho e quase todas as instituições da nossa cultura. Mas o que a maioria de nós faz? Deixamos de trabalhar? De comprar ou vender? De estudar e buscar títulos e bolsas acadêmicas? Coletivizamos nossas casas ou bens? Abrimos mão, quando é o caso, de nossos privilégios de classe, cor, gênero ou nacionalidade? Não, não é bem assim, né? Fazer essas coisas ainda é mais viável para se ganhar a vida. Vemos anarquistas até mesmo se casando, legitimando o matrimônio e o estado como regulador disso tudo.

Pois é, legitimamos o Estado e o Capitalismo como sendo ainda mais úteis do que qualquer alternativa a cada ação dessa. Por que então temos que ouvir dessas mesmas pessoas que se alguém se considera anti-civilização, que se mude para a floresta e vá viver da caça? Como se a vida que levamos não fosse nem um pouco contraditória. Ou como se a maioria dos anarquistas não fossem empregadas, bacharéis, doutoras, professores, ou qualquer outra merda dentro dessas instituições que tanto criticamos. Se nós vivêssemos metade da anarquia que desejamos, talvez sim poderíamos criticar quem propõe o fim da civilização com relação ao que fazem de suas vidas. Até lá devemos falar com honestidade quando somos e fazemos porcaria nenhuma. Qualquer torcida organizada ou seita exotérica tem mais mobilização e visibilidade para seus assuntos do que os anarquistas no Brasil. E enquanto isso, devemos assumir que vivemos falando uma coisa e vivendo a maior parte do tempo em outras. Ou seja, na hipocrisia. E se não formos hipócritas, significa que concordamos com o que estamos fazendo. Para deixar de sermos hipócritas, devemos construir as estruturas de uma outra realidade pela qual todas possamos abandonar essa. Até o dia em que mais nenhum anarquista se encontre na degradante condição de conciliar seu fim de semana de ativismos e eventozinhos contra-culturais com sua rotina de estudos universitários, servindo mesas, e possa de fato viver alguma coisa mais digna de um ser humano.

- Você disse que o *Selvage* cumpriu o seu papel com seus erros e acertos. Quais foram eles?

Bom, os acertos foram basicamente ver que pessoas tiveram o contato com o debate anti-civilização de uma forma que se relacione com vários temas, como Direitos Animais, Feminismo. E no meio em que convivo e atuo coletivamente, tive a oportunidade de levar o texto para debate com outros coletivos e indivíduos. O que foi muito construtivo. Foi muito bom também para o debate interno entre meu

próprio meio e meu coletivo como parte de uma busca por orientação para nossas práticas. Foi possível exercitar formas mais subjetivas de pensar a relação entre o micro e o macro na nossa sociedade, como na comparação entre o "refinamento" da vida e a alimentação de produtos refinados. Ou da relação entre o abuso e a violência doméstica onde sobreviventes se veem numa situação de dependência econômica e afetiva de seus opressores. Assim como todos nós nos sentimos dependentes da civilização capitalista. Creio que é nesse sentido que procurei sintonizar visões amplas de mundo e posições políticas com práticas individuais e coletivas numa escala menor, com as pessoas que convivo e com quem mantive e mantenho coletivos.

Os erros foram algumas análises superficiais e precipitadas, como quando abordei os privilégios de patrão sobre empregado, homem sobre mulher na nossa sociedade. Creio, ainda hoje, que a civilização é nociva para todos e que estamos todos condenados a perecer de alguma forma dentro dela. Mas é importante ter claro quando falamos disso que nossa sociedade é montada basicamente por diferentes classes e patamares de privilégios claros que controlam o sistema e colocam pessoas e seus corpos em papéis subalternos desde o seu nascimento. A manutenção desse sistema depende da manutenção desses privilégios e do controle que essas pessoas no topo tem sobre o resto da sociedade.

- Na introdução do texto você já revela uma infidelidade à tradição anarquista dos "velhos barbudos". Como e a que se deve isso?

Essa é, na verdade, uma tentativa de evitar polêmicas e não de causar mais. As disputas internas fantasiadas e alimentadas nos meios anarquistas dos países do norte já vêm contaminando nosso meio há algum tempo e creio que é preciso ter clareza ao mostrar de onde partimos e de onde não partimos. E falo isso tanto de dentro dos círculos anarquistas quanto na sociedade como um todo. Mas creio também ser importante que se respeite essas diferenças. A palavra anarquia, para mim, mostra muito mais o que não concordamos do que o que afirmamos. É única e exclusivamente a negação à hierarquia, ao poder e aos privilégios exercidos entre as pessoas. Todos os atributos positivos são agregados bem depois do surgimento dessa palavra e provavelmente por pessoas que se consideravam anárquicas. É uma tentativa de definir e fechar um conceito. Mas para mim, definir é matar. É encerrar as possibilidades e potencialidades. Prefiro conceitos abertos, potenciais a serem explorados. Uma vez que encerramos um conceito ou uma ideia, ela vai expressar aquilo que continha no momento desse encerramento. Ou seja, o passado. Nunca o presente ou um dever.

A fidelidade a uma tradição com a qual não me identifico ou que não me serve para mim não tem nada de anárquico. Desde que me percebi lutando por formas de experimentar uma liberdade em relação a esse mundo maldito, o fiz muito mais em contato com pessoas e grupos em movimento, em ação. O diálogo e a teoria estavam ali no meio. Para mim anarquia é escrita na vivência cotidiana. É pensar e agir por si mesma. E isso é tão ou mais legítimo que qualquer discurso. Então vejo o que digo e escrevo atrelado ao que estou fazendo ou vivendo e não apenas no desenvolvimento teórico que necessariamente passe por alguma escola de pensamento. Acho que é importante estar em contato com todas elas ou pelo menos saber sua história e saber o que dizem. Pois os discursos logo se dissolvem uns nos outros e nas nossas ações, mesmo sem desejarmos isso conscientemente. E muitas

vezes reproduzimos coisas que não sabemos de onde vêm.

É importante conservarmos uma memória do que foi e esta sendo o anarquismo e suas lutas, aprender com seus erros e acertos e conservar sim uma tradição, que esteja sempre sujeita a reavaliações e reformulações. Mas mais importante é sabermos nos desvencilhar do passado, não só para não cometer os mesmos erros, mas também para não nos satisfazermos com seus supostos acertos.

-Por que considerar a crítica a civilização como pauta importante para os movimentos de resistência? E como fazer essa conexão?

Não sei se devo dizer que é importante para os movimentos de resistência, mas importante para a sobrevivência da espécie humana e para o fim do ciclo de colapsos e traumas que nossa organização social vem causando em toda a biosfera apenas para manter de pé e em crescimento sua economia energética e material completamente artificiais e especistas. Qualquer causa ou luta que travarmos que não tiver um norte para além de suas causas específicas que aponte para o abandono dos preceitos básicos da civilização estará fadada a ser uma luta perdida. No sentido de que seus objetivos alcançados serão ofuscados por outros que foram negligenciados e em breve também retornarão. Assim como a escravidão que foi abolida no papel, mas permanece de forma obscura para manter um sistema que demanda lucros máximos e custos mínimos. E ainda existe com apoio das leis e do senso comum para os animais não-humanos. Estamos em um trem em direção ao precipício. Temos que nos manter vivos e saudáveis enquanto estivermos dentro dele, mas a opção final precisa ser a de deixar o navio e fazê-lo parar. Pois se ele cair no precipício, ou seja, entrar em colapso, mesmo com alguns de nós do lado de fora, o impacto será desastroso.

Nossos problemas não são solucionados de fato porque não atingimos suas raízes. E a raiz está em uma cultura de acúmulo que se inicia com a domesticação das plantas e animais, incluindo a nós. É o início da capitalização. Precisamos das causas imediatas, precisamos das lutas específicas. Não podemos ficar paradas esperando a solução total. O desafio é pensar uma saída para todas as formas de opressão e exploração ao mesmo tempo que lutamos onde estamos e contra os pilares que alcançamos. A crítica à civilização é relativamente muito recente e não há programas ou bons exemplos históricos claros de como ela se daria na prática numa sociedade descivilizada. O que por um lado é bom, porque evita mitificações e idolatrias à la Guerra Civil Espanhola. Espero que os bons exemplos que surgirem de sociedades se levantando com preceitos anti-civilização não se tornem um fetiche também. Enquanto isso, podemos observar e apoiar qualquer cultura de resistência indígena ou quilombola que tenta manter seu estilo de vida e seu meio ambiente porque enxergam que dependem dele para conseguirem seu sustento e não do trabalho capitalista, do dinheiro ou do supermercado.

- Você aborda também, mesmo que de passagem, temas como os direitos animais, feminismo e queer. Acha que todos tem uma relação com a luta anti-civilização? Eles têm pontos em comum, ou uma raiz comum, como você disse agora a pouco?

Sim, claro. O advento da civilização é o início das relações de privilégio entre os grupos humanos. Primeiro criam-se divisões e papéis como trabalhador braçal e administrador, ou como homem e mulher. Logo em seguida esses papéis e suas funções vão desenvolvendo relações de dominação e subordinação. Se não há domesticação, não há acúmulo e não há o poder econômico e social de classes que parte dele. Os primeiros burocratas só exerciam poder porque havia comida e demais produtos estocados e controlados para sustentá-los mas também para que fosse possível subornar e comprar aliados e soldados que os defendam em nome do bom funcionamento de toda a sociedade. Os primeiros "homens" dominaram as primeiras "mulheres" também porque a domesticação permitiu aos assentamentos humanos se fixarem em um mesmo lugar por longos períodos de tempo, tornando possível ter mais filhos num intervalo menor de tempo, uma vez que não precisavam se deslocar constantemente carregando todos a prole e seus escassos pertences. O que contribuiu para tornar aquelas designadas como mulheres em verdadeiras escravas do lar.



"Quando em Roma, faça como os vândalos."

Assim como a noção de que a terra é nossa para nosso uso, como se fossemos destinados a reinar no planeta, contém a origem de todo o especismo que vemos refletida na nossa alimentação, no nosso modo de produção e na forma como ocupamos o espaço com urbanização. A cidade é um exemplo básico de como varremos todo o território para moldá-lo de acordo com nossos interesses. E instrumentalizamos tudo o que há dentro de seus limites. Tudo foi colocado e exerce uma função para nós e para nossa sociedade. É completamente absurdo, e por si só já é argumento suficiente para se querer destruir tal organização social.

- O que parece bem difícil e desafiador para a maioria. Por isso talvez tanta resistência a esse debate.

Parece meio abrangente demais para qualquer teoria. Maior que o patriarcado, maior que a burguesia e o controle dos meios de produção, maior que a poluição ou o fim dos "recursos naturais". Mas o mesmo tempo é muito mais simples e que unifica tudo isso.

- O termo autonomia individual é mencionado também no *Selvage*, mas não muito explorado. O que você pensa quando sugere isso como alternativa para escapar dos processos civilizatórios e domesticadores? Não seria a autonomia individual parte do próprio discurso atual da modernidade?

Como pretendia continuar a explorar esses temas em um segundo volume do texto, onde abordaria partes práticas, não me aprofundi no assunto no primeiro volume. Mas o que tinha em mente ao mencionar autonomia individual não tem nada a ver com a noção de autonomia e de individualidade liberal e moderna. Me referia a uma autonomia alimentar, energética e técnica em geral, que perdemos na civilização. Não aprendemos desde criança a como buscar nosso alimento na nossa terra e no nosso ambiente. Não somos educados com noções e práticas básicas para nossa saúde. Não sabemos conseguir em nosso próprio terreno o que precisamos para nos abrigar. A especialização exige que fiquemos 20 anos sendo educados num mesmo programa de ensino alienado, destinado a criar rebanhos que só vão começar a se especializar em seus papéis como trabalhadores em setores dessa sociedade quando já estão em uma idade madura. Até lá não aprendemos nada sobre nossos corpos, nossa comida, nosso bioma, nossa região geográfica, nosso clima e como interagir com eles de forma sustentável e permanente. Isso é uma deficiência básica do sistema. E para romper com esse ciclo de alienação precisamos saber que planta alimenta, que planta cura, que terra é boa, que clima é favorável, qual a estação para cada fruto, onde o sol bate em nossas casas e para que lado vamos contruí-la, como nosso corpo reage aos seus próprios ciclos. Enfim, precisamos agir mais como seres vivos e não como autômatos.

- Voltando um pouco para o tema das práticas, o *Selvage II* é um projeto que você ainda tem e mente?

Ele era um projeto a ser desenvolvido junto com as práticas de um coletivo. Mas o coletivo se dissolveu, creio que a ideia do zine também. Outros contextos e outras necessidades vão demandar outros projetos.

- Qual a importância de se difundir experiências práticas? E por que não continuar a desenvolvê-las?

Acho fundamental a troca de experiências. Principalmente num meio anarquista como o nosso, o brasileiro, onde a cada geração temos uma troca quase completa de todos os membros dessa cena. O que impede um fluxo e uma transmissão de conhecimento, de experiências, erros e acertos num tempo e num espaço limitados. Como se a cada nova leva de anarquistas, tivéssemos toda uma cena se erguendo praticamente do zero, com muito pouco conhecimento acumulado. A vida comum, o trabalho, a escola, a faculdade, o mercado ainda oferecem uma estrutura de vida

muito superior e muito mais sedutora que qualquer comunidade ou cena anarquista conseguiu construir. E eles conseguem transmitir seu ensinamento com muito mais eficiência. Parece desesperador, mas é apenas desafiador. Vemos pequenos exemplos de espaços e comunidades pelo Brasil e pelo mundo que servem de referência. Devemos manter esses projetos e usá-los como ponto de transmissão desse conhecimento acumulado e de toda experiência. Quando digo que não vou mais escrever e publicar mais um *Selvage*, apenas me refiro a esse projeto. Mas continuarei com outros. Só não espere ver meu nome por aí novamente.

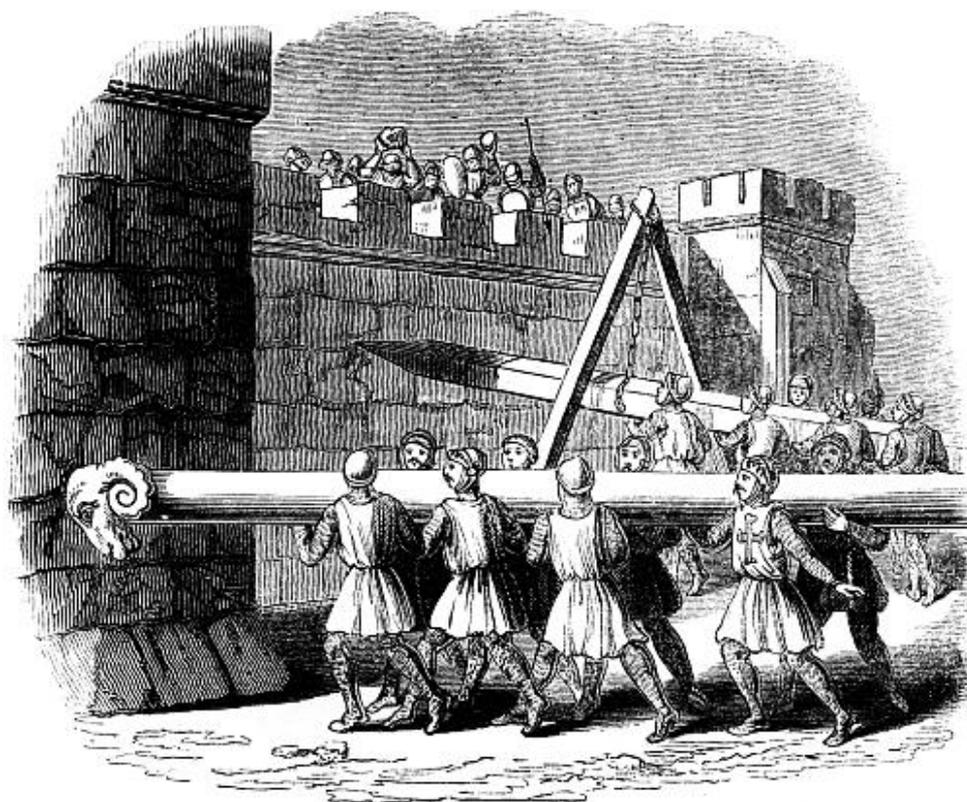
No entanto, é difícil fazer as coisas por si só. A autonomia individual da qual falei não é suficiente se não estamos de fato trabalhando em grupos, em comunidades. Ela é um complemento a essa totalidade. Caso contrário, é apenas parte desse discurso moderno que isola o indivíduo e o coloca fragmentado em uma sociedade massificada e burocrática, de laços humanos descartáveis e papéis artificiais e alienados. Enquanto não estiver me sentindo apoiada por uma comunidade real, tenho que me virar nesse contexto para sobreviver. Trabalhar, estudar e mendigar bolsas para o estado para conseguir manter um padrão de vida mínimo. Estou velha demais para comer lixo e pedir carona por aí. E a estrutura a qual combatemos é muito mais confortável e sedutora quando você está de dentro de suas instituições e se acostuma aos seus privilégios, não é mesmo? Até construirmos algo melhor, estarei me vendendo barato por um empreguinho que pague minhas contas e dê de comer à minha própria prole.

- É a tal contradição da qual ainda não se pode escapar?

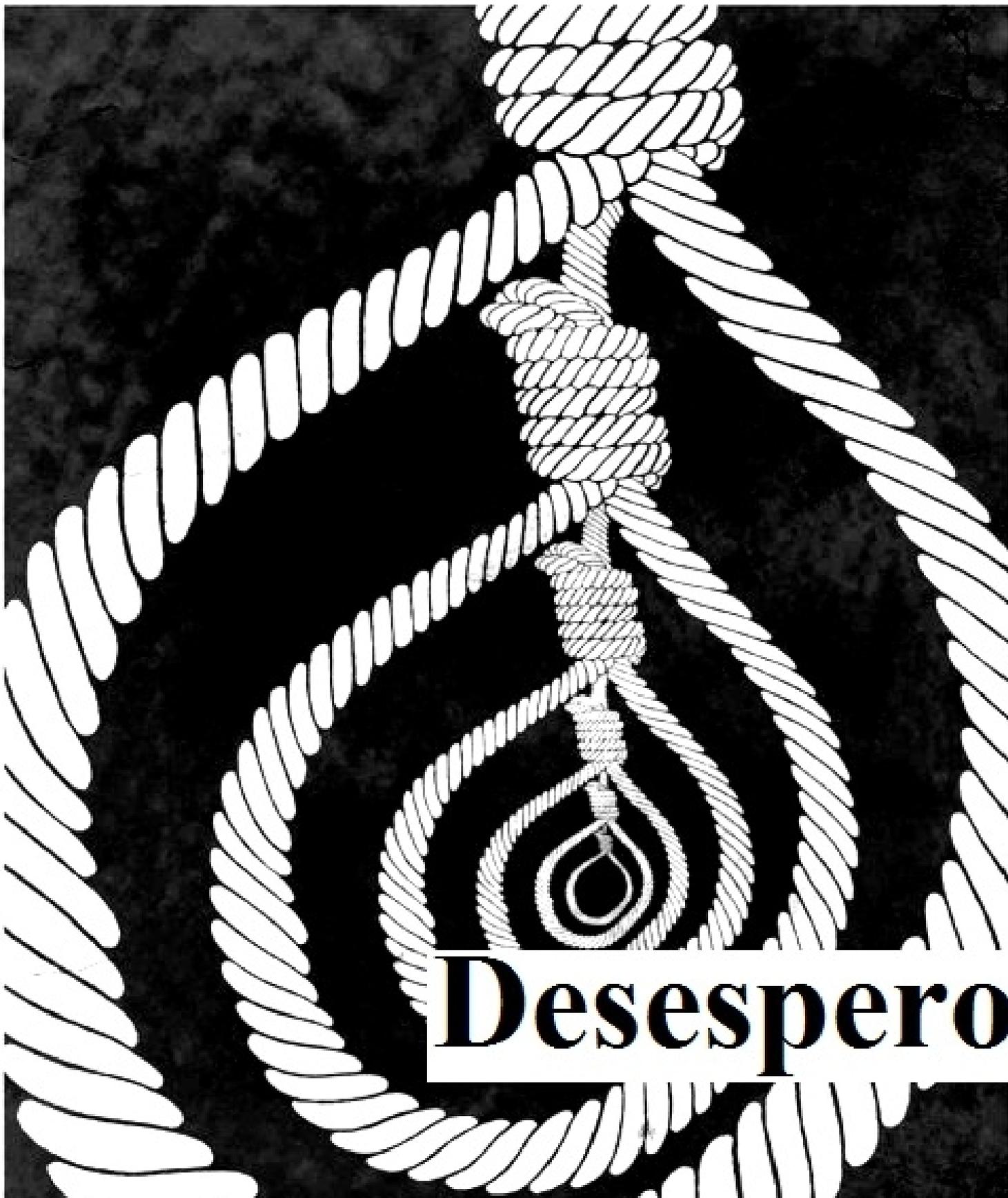
Exatamente.

- Não acha uma mensagem um pouco desesperançosa?

Esperança é mais uma questão de escolher onde depositar seus medos e anseios do que o resultado de uma equação entre a realidade e nossas certezas das coisas. Pobre daqueles que esperavam algo melhor de mim ou de você.



10.



Desespero

ALERTA DE ACIONADORES: suicídio

o texto a seguir trata do tema suicídio. se não se sentir confortável para ler sobre o assunto, passe para o próximo capítulo.

Como você quer morrer?

Pendurado de uma viga com o banquinho caído ao chão logo embaixo de você? De uma overdose de calmantes, como uma atriz ou uma dona-de-casa de saco cheio da vida? Abrindo suas artérias com uma navalha, em uma banheira de água quente para que você não se debata muito quando o calor deixar o seu corpo? Repentinamente, numa explosão de miolos e ossos no concreto aos pés do arranha-céus onde você trabalha? Ou aos poucos, prestação após prestação com os cigarros, gordura saturada e ar poluído, pressão alta, radiação, toxinas na água, substitutos cancerígenos para o açúcar e telefones celulares?

Você quer certeza, com uma arma na sua têmpora? Ou você joga na loteria – dirigindo na auto-estrada, fazendo sexo sem proteção, pagando impostos a um governo que pode enviá-lo à guerra ou mandar a polícia à sua porta com armas na mão?

Talvez você esteja sendo pago para isso – o quanto você vale por hora? Você lava pratos por um salário mínimo, dá e recebe ordens por um salário de gerente, luta para chegar no topo para conseguir um preço justo pela sua vida?

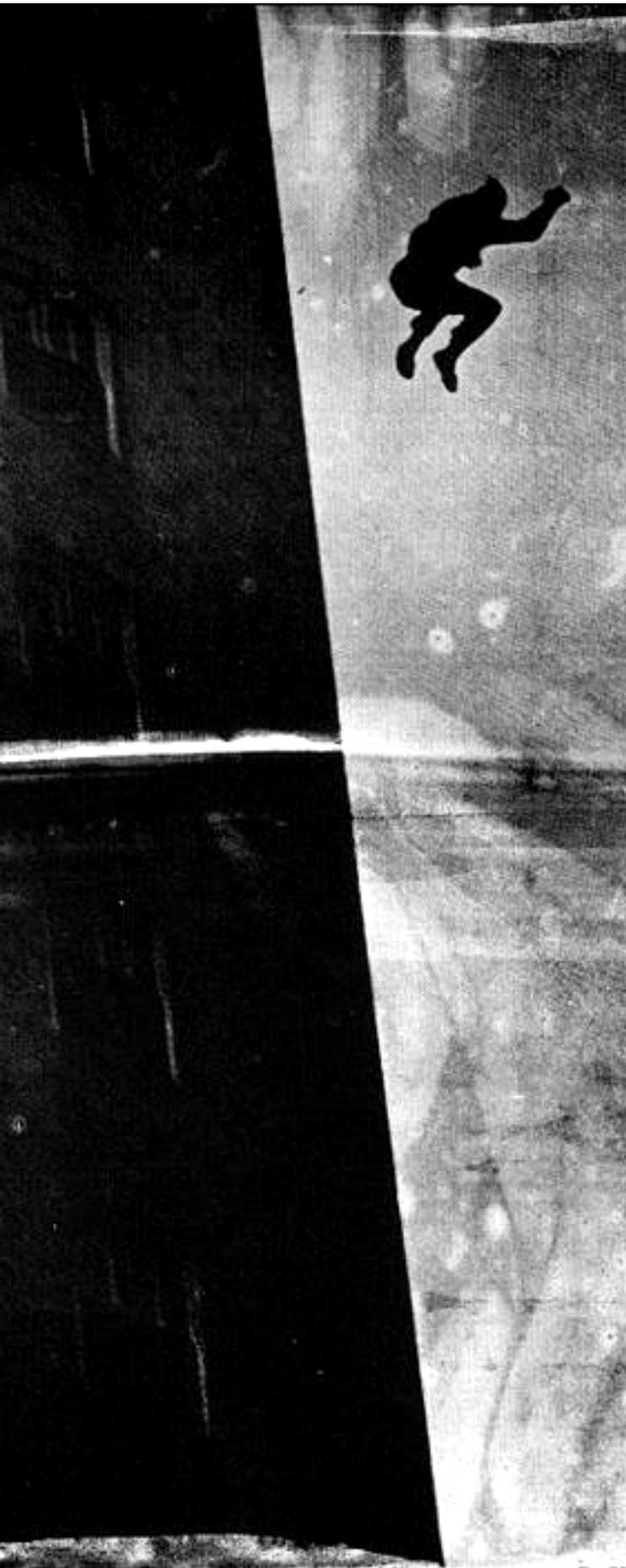
Ou você a está adquirindo? Comprando-a em porções individuais, comprando para você um gostinho sempre que pode com álcool, cocaína, heroína, prostituição, filmes de ação, videogames, televisão, o que for preciso para se soltar por um instante? Às vezes você quer ir direto ao inevitável, lançando-se no abismo de algum vício, religião, negação absoluta de tudo que você sempre quis, tudo que lhe desapontou?

Você saboreia cada gota, fazendo-a durar o máximo possível? Uma dose moderada todo dia para o resto da sua vida, com seguro saúde para ter certeza que você não vai perder uma única hora? Ou você está pronta para acabar com isso de uma vez, consumir o negócio com um gesto desafiador, exibindo o seu desdém pelas tragédias absurdas deste mundo enquanto você cai no meio de uma rajada de balas?

Ou talvez, no final das contas, você não queira morrer.

Mas o que há além disso?





"Eu gostaria que todas as pessoas que se mataram estivessem vivas – e todas as pessoas que estão vivas se matassem!"

Se há uma camada social abaixo da classe baixa, um grupo que sofre ainda mais com os absurdos de nossa sociedade, são os suicidas. A classe suicida – a todo minuto, mais um se espatifa na calçada. Quem é mais desprovido que eles? Elas só são reconhecidos quando se ausentam, só o seu sangue fala por eles. Eles sabem melhor do que qualquer um o que deve mudar neste mundo e, ainda assim, desesperados por não conseguir modificá-lo eles se vingam sobre as únicas presas fáceis – dando um novo significado ao ditado de que aqueles que só fazem meia revolução cavam os próprios túmulos.

Imagine uma pessoa que sente que a sua vida está fora de seu controle ao ponto de que ela só pode reconquistá-la se matando! Pode uma sociedade ser livre e saudável se as pessoas vão a tais extremos para conseguir escapar?

Assim como o roubo e o adultério, o suicídio é proibido, uma abominação inominável. Matriarcas satisfeitas que nunca tiveram que lutar contra uma depressão debilitante sentem-se autorizadas a desprezar a covardia daquelas que tomam a difícil decisão de acabar com suas vidas. Mesmo doentes terminais não podem decidir quando e como vão morrer – existem leis que as proíbem, como se os vivos pudessem legislar sobre aqueles que vão morrer! O que dizer de uma civilização que proíbe os seus cidadãos de se matarem e nem ao menos permite a *pergunta* de se a vida merece ser vivida?

E ainda assim cometemos um pequeno suicídio a cada instante em que nos negamos à vida que gostaríamos de viver. Suicídio à vista é proibido, mas a maioria aceita de boa vontade a morte parcelada, gastando suas por falharem em suas tarefas terrenas – Deus, ou então a Opinião Pública, a quem Ele nomeou em Sua ausência.

Enquanto isso, se um jovem se alista no exército e obedece cegamente a ordens que o levarão a uma morte sem sentido, ele é considerado corajoso e valoroso. O Suicídio, como o Desastre, é perfeitamente aceitável se ele ocorrer dentro dos termos estabelecidos pela ordem vigente; você pode morrer nas suas mãos, mas não por sua própria vontade. Aquelas que se dão um tiro ou se enforcam são hereges ousadas, como os místicos pretensiosos que alegam receber orientação divina que não passa pelo Papa: se autodestruição é a ordem do dia, elas são determinadas a ter uma relação direta com ela, não importa o que os outros digam. Ao rejeitar a morte em vida e a soberania das autoridades, elas estão apenas a um passo de rejeitar a verdadeira morte e a dominação: *Nem morte, nem impostos!*

Mas de novo, assim como o roubo, o adultério e outras válvulas de escape, o suicídio nos isola – de fato, é o ato mais isolador de todos. Ao mesmo tempo em que ele devolve um instante de autonomia a um indivíduo, ele evita que as pessoas estabeleçam uma propriedade coletiva das suas vidas. Aqueles que cavam suas próprias covas só fazem meia revolução. Mesmo se ninguém pudesse roubar, se ninguém pudesse trair, se ninguém pudesse acabar com a sua vida, ainda assim haveriam as tensões que assolam nossa sociedade hoje – e imagine os grandes levantes que se seguiriam!

Se todas as pessoas que se mataram pudessem comparar suas anotações em algum grande centro de convenções no além, o que elas poderiam nos dizer? Talvez pudessem ajudar umas às outras onde ninguém mais pôde; talvez se arrependessem por, no lugar de terem se destruído, não terem montado uma organização revolucionária composta daquelas que não têm nada a perder; talvez estranhassem que pareceu bem mais fácil praticar a violência contra si mesmas ao invés de responder à violência exercida contra elas. É tarde demais, é claro – suas vidas estão fixadas na eternidade, isoladas como moscas presas no âmbar. Mas ainda há tempo para encontrarmos aqueles que consideram o suicídio, encorajá-las a falar livremente sobre os seus sentimentos e darmos o melhor de nós para construirmos um mundo que ninguém gostaria de deixar para trás.



"Acabe com o meu sofrimento ou me tire dele!"

A vida não é simplesmente uma prisão, uma sentença. Isto ocorre a todos pelo menos uma vez. Temos uma opção que nos torna mais livres que os deuses, assim como todos empregados são mais livres que todos os patrões: nós podemos cair fora. Podemos saborear esta ideia em todos extremos; ela nos dá consolo quando nada mais dá. Nada nos obriga a viver – portanto, se tivermos coragem para isso, a todo momento a vida pode se tornar um quadro em branco, um espaço no qual tudo é possível e podemos arriscar tudo.

Com esta liberdade, só seremos escravos se o quisermos ser. Escravidão é para aqueles que ainda acreditam que seus chefes controlam sua morte assim como a sua vida – não para nós. Para nós, só há o desconhecido. Ele pode ser terrível, ele pode ser a salvação, ele pode ser vazio, mas nunca o conheceremos, seja na vida ou na morte. Fronteiras para serem cruzadas, novos mundos para explorar, abismos para correremos riscos – sim, a possibilidade de alegria, de realizar nossos desejos mais queridos e de também de arriscar.

O perigo de finalmente confrontarmos o medo, ousando o desconhecido, fitando o lado feio da vida nos olhos – de uma forma ou de outra *pedirmos demissão do emprego de existir*.

Para a maioria de nossos contemporâneos, a própria vida é um emprego, uma luta desesperada para darmos conta de milhares de obrigações – incluindo a mais triste de todas: nos divertir. Esses infelizes esquecem a leveza da vida, a leveza de cada momento, cada situação, em face da não-existência.

Podemos escolher não viver. Então não há razão para não nos abirmos, arriscarmos tudo, para uma vida de felicidade. Há sempre a opção de pôr um fim às coisas – podemos também fazer apostas altas se escolhemos existir. **Pois afinal, o pior que pode nos acontecer já está garantido.**

Não existe motivo para nos levantarmos de manhã, senão para *viver*. Nenhum patrão, nenhuma lei, nenhum deus pode tirar de você a possibilidade de dizer Não.



Tudo isto é inútil, e não é novidade para a suicida que já se desligou da vida e deseja a morte simplesmente para finalizar o arranjo, para dar um fim à inconveniência de sentir uma coisa e viver outra. Quando você já está exausto e desmoralizado, nenhum simples exercício mental vai lhe fazer mudar de ideia; homens-bomba, ao contrário do que se imagina, devem agir a partir de um enorme investimento nesta vida para serem capazes de morrer para fazer mal aos outros. O suicida comum mal consegue passar o aspirador no seu apartamento, muito menos levar a cabo uma missão elaborada.

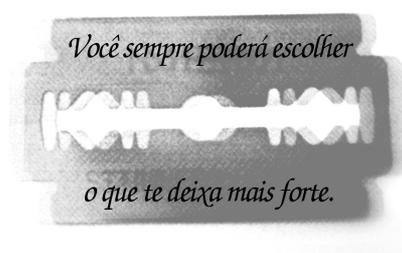
Mas imagine se as pessoas vivessem como se fossem morrer a qualquer instante, seria como se elas nascessem de novo todos os dias! Imagine se ninguém deixasse a vida se tornar um emprego para si ou para os outros! Quantas pessoas se matariam? **As pessoas cometem suicídio quando é mais difícil para elas imaginar deixar as suas obrigações de lado do que deixar de existir** – aqui estão novamente os nossos costumes e investimentos, se tornando cancerosos e inorgânicos, levando-nos para o túmulo antes do tempo.

Vida – Considere a Alternativa

Se fôssemos corajosas ou impulsivos o suficiente para tal, nosso desespero nos daria poderes sobrenaturais. Imagine ser capaz de agir sem medo das repercussões, de escolher o desconhecido em vez do insuportavelmente familiar, largar obrigações e relacionamentos nocivos à nossa saúde no instante em que você perceber o que eles são. É preciso uma misericórdia implacável para deixarmos o sentimentalismo de lado e nos lembrarmos de tudo que ainda não aconteceu e *ainda pode nunca acontecer*, para reconhecer que não podemos esperar para sempre, que não temos tempo para isso.

Deixe o passado ir embora. Todas as antigas batalhas que você ainda luta, todos os seus mecanismos de negação e de defesa, todos os vícios e inércia que você acumulou e todos os medos que lhe prendem a eles. Esta será a coisa mais difícil que você terá que viver – mais deixe-os ir, deixe-os morrer, tenha coragem nos momentos silenciosos no vácuo quando você espera, tremendo, a sua nova vida nascer. Ela existirá.

Desespero. É a nossa única esperança.





Quando os seus amigos lhe entendem errado e os seus inimigos entendem bem demais, quando acordar de manhã parece mais uma derrota que um triunfo, quando a lâmina de barbear ou o penhasco lhe chamam, lembre-se – a morte não é bonita, só tem uma boa campanha publicitária. Lembre-se o que eles fizeram com Michelangelo, esperando até que ele morresse para pintar sobre suas obras de arte. Assim como da irmã racista e odiada de Nietzsche, que lhe apresentou ao mundo como defensor de suas próprias ideias assim que ele perdeu sua sanidade. E de como Paulo usou Jesus, e Platão usou Sócrates, e os Comunistas usaram Durruti. Os mortos não podem se defender.

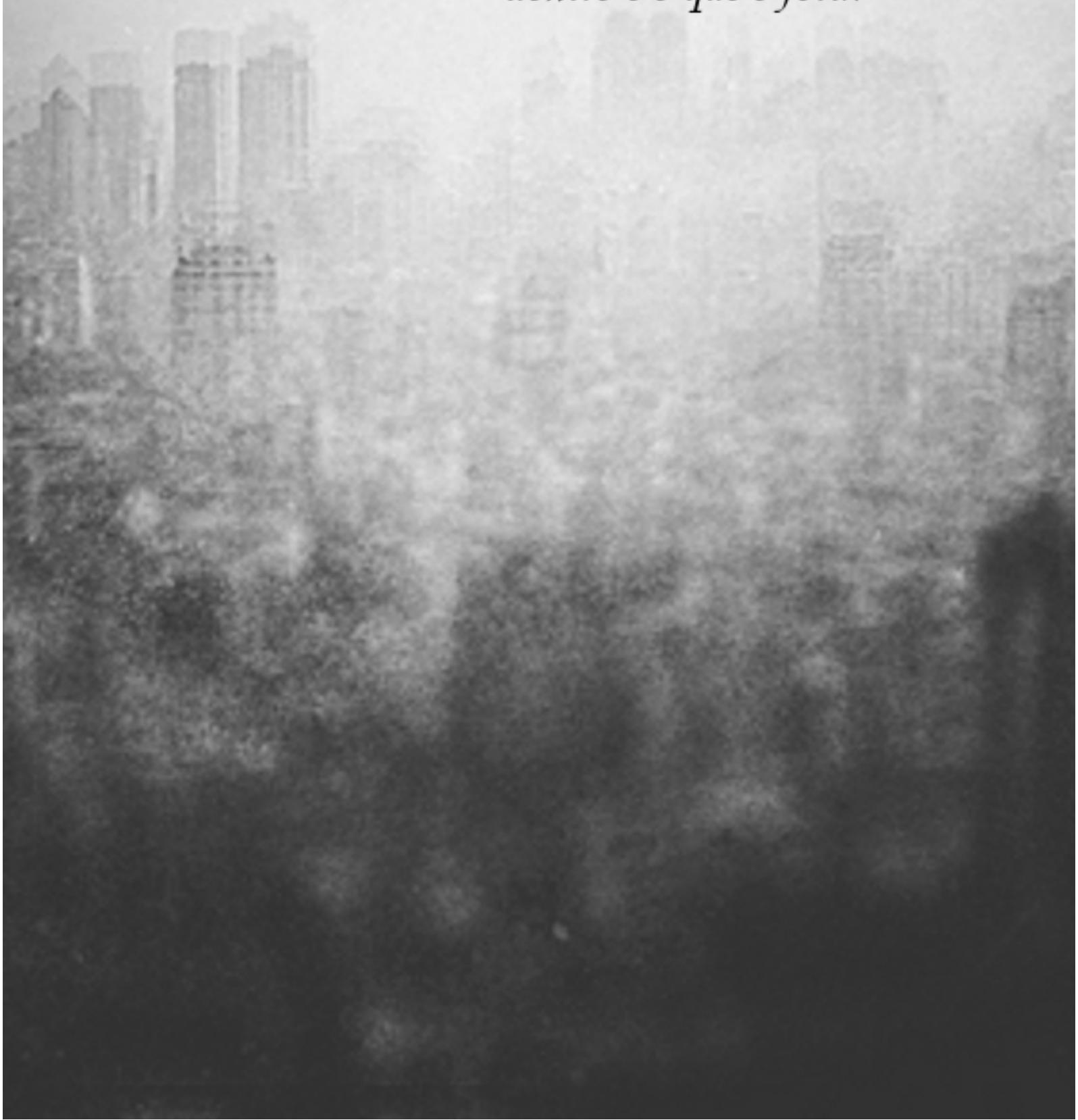
Não dê nada aos seus inimigos. Deixe suas lágrimas virarem pedras que poderemos lançar com catapultas. Escreva o seu próprio epitáfio e grite-o aos quatro ventos. Esta vida é uma guerra que ainda não estamos vencendo para as filhas de nossos filhos; não faça o trabalho dos seus inimigos, termine o seu.

"Em tempos de paz, o homem guerreiro se lança contra si mesmo."

–Nietzsche

*Talvez tudo que sobrou do mundo seja
um deserto coberto de lixo e os jardins
suspensos do grande palácio de Khan.*

*São as nossas pálpebras que os separam
mas não temos como saber o que é
dentro e o que é fora.'*



11.



...reticências





Embora todos no bairro do Líquen demonstrem uma estranha e temerosa paz em seus rostos, nós acreditávamos que havia algo no subsolo de suas histórias que mostrasse a peça que faltava nesse quebra-cabeça orgânico.

Eu e as meninas da rua Enf acordávamos todos os dias com a sirene da fábrica de brinquedos. Todos na cidade dependiam ou estavam ligados de alguma forma à fábrica, já que era um dos poucos lugares que oferecia empregos e era, também, o lugar onde os sonhos de crianças choronas eram fabricados.

Já faziam duas semanas que nenhuma de nós assistia uma aula sequer, pois preferíamos perambular durante toda a manhã pelos cantos acinzentados e mortos do nosso pacato bairro e observar os moradores esbarrando-se uns nos outros pelas ruas, como se fossem zumbis, mas com um leve sorriso no rosto. E dentre os cantos às vezes inexplorados dessa redoma, existia um lugar onde nenhum cidadão temente a deus qualquer possuía coragem para entrar: a casa da senhora Elvira. Ela era um tipo de pessoa da qual todos tinham medo. Solitária e com um olhar que podia deixar qualquer um com os pelos do cu arrepiado, a coitada sofreu cada dia a morte de seu filho assassinado na Guerra do Golfo. Ajoelhada em frente a bandeira que recebera do estado, a velha implorava para que deus a levasse para perto de seu filho sem nome. Para resumir, dona Elvira matara-se enforcada em sua própria cozinha.

Mas não era da fábrica nem da casa de dona Elvira que queremos falar, pois o que mais nos despertava a curiosidade e nos fazia ficar de saco cheio de tudo era o clima calmo que pairava sobre aquele lugar. Era como se algo nos impedisse de andar fora de seus limites. Os romances, os trabalhos, os vícios, a cultura... Tudo ali nos prendia, desde os sorrisos que disfarçavam o desconforto de uma vida perfeita até as noites em que mulheres e homens esgueiravam-se pelas sombras para encontrarem seus amantes.

Absolutamente nada quebrava com o silêncio —ou pelo menos nada que tentasse quebrar com o silêncio. Também não falamos do estado e suas ferramentas de controle já tão conhecidas, nos referíamos a um sentimento de incapacidade tão profundo que faz preferirmos acordar e não viver. E sempre existam os mais desajeitados com essa coisa de vida cotidiana e rotina. Nossas falhas nos traíam o tempo todo: falhávamos em escolher nosso caminho, falhávamos com nossas músicas, com nossos amores. Falhávamos com praticamente tudo e, mesmo traídos,

continuávamos tentando parecer as pessoas completas e de aparência feliz que no fundo morriam por dentro. Lembro-me que em uma noite em seu quarto, Leona me disse: talvez a única coisa que valha a pena aqui é arriscar o nosso sossego – até mesmo como dona Elvira fizera. Refleti durante dias sobre aquilo e um peso enorme ainda pressionava o meu peito. Não sei se as palavras que Leona pronunciou aquela noite me deixaram confusa demais para quem mora aqui. Achava aquilo merecia uma resposta e eu ainda não tinha perdido essa mania de dar explicações para tudo. O que essa frase me fez sentir e deixar de sentir já era mais que o bastante. Os dias se arrastavam diante dos meus olhos como se fossem imagens congeladas e apresentadas em câmera lenta.

Já não conseguia sustentar a cabeça sobre o pescoço. Os pelos embaixo do meu braço cresceram sem eu perceber e eu já não me interessava nem um pouco em depilá-los. Era como se eu estivesse morta, mas se parecia mais com um lento despertar de um coma.

Na segunda-feira pela manhã, como quase todas as manhãs, eu e Leona não fomos à escola. Nos encontramos na rua de trás da minha casa e fomos a entrada da floresta, onde costumeiramente nos reuníamos. Dali conseguíamos ver todo nosso bairro, que era isolado dos outros bairros da cidade.

Durante um tempo em silêncio contemplamos todo o ranço existente sobre nossas casas e vizinhos. Sabíamos que o ranço também estava sobre nós, pois era possível sentir o cheiro desagradável. Ainda em silêncio, olhei para Leona e perguntei "o que há de errado conosco? Por que não sentimos felicidade em estarmos aqui, com vida? Há tempos meu coração não bate acelerado e há mais tempo ainda não fico excitada de verdade, nem no sexo". Leona me olhou por um minuto, levantou-se e caminhou até a beira de um barranco e perguntou "Qual deve ser a sensação de nos jogarmos e cairmos sem parar? Morreríamos de medo de chegar ao fundo ou aproveitaríamos o frio na barriga que a queda proporcionaria?". Eu, sinceramente, não sabia o que pensar, quanto mais responder. Naquela hora o vento forte nos abraçava, as árvores balançavam e eu só sentia uma vontade de vomitar, como se algo que me fizesse mal quisesse sair de dentro do meu estômago. "Será que isso tem a ver com colocarmos em risco nosso sossego, nosso conforto, nossos amores, enfim, toda essa vida de merda que levamos?", perguntei. Leona virou-se e disse "Não há como sabermos sobre isso sem que algo realmente seja feito". "É melhor irmos", finalizou.



Enquanto a noite caía, os espíritos inquietos se levantavam colocando em prática aquilo que era condenável à luz do dia: homens comendo-se uns aos outros o casarão da Rua Merk, enquanto suas esposas transavam loucamente com outros homens e mulheres em suas casas. Meu pai participou dos encontros do casarão até minha mãe descobrir. Quando isso aconteceu pude perceber que nem tudo por aqui é tão belo e perfeito quanto se parece e mostrou o quanto as pessoas desprezam suas vidas e ainda assim prezam por elas.

A última vez que transei foi com um garoto e mal consegui fingir que estava gostando. Não sei, mas queria sentir o perigo entre minhas pernas, não simplesmente um pênis em ereção. Queria me sentir perigosa como uma bomba prestes a explodir em frente a uma catedral. Nessa mesma noite Leona foi até minha casa para conversarmos. Ela entrou e logo perguntou se poderia passar a noite por ali, pois seus pais e seu irmão haviam viajado para o leste. "Claro que pode!", exclamei.





12.

O homem aberto e o mundo fechado

12. o homem aberto e o mundo fechado.

“Isto começou três bilhões e meio de anos atrás em uma poça de sujeira, quando uma molécula fez uma cópia de si mesma e se tornou o mais antigo ancestral da vida terrestre.

Isto começou quatro milhões de anos atrás, quando o volume do cérebro aumentou rapidamente entre os hominídeos.

Cinquenta mil anos atrás com o surgimento do Homo sapiens sapiens.

Dez mil anos atrás com a invenção da civilização. Cinco séculos atrás com a invenção da imprensa. Cinco décadas atrás com a invenção do computador. E em menos de trinta anos, isto irá acabar.”

–Eliezer S. Yudkowsky

“**C**ertamente, não há possibilidade de diálogo entre um homem aberto e um mundo fechado”, disse Berman sobre o Fausto de Goethe. Mas será mesmo? Quão pretensiosa é minha atitude agora, mas não voltarei atrás, ao me considerar no papel do "homem aberto" – ao menos por enquanto.

Essa frase me traz à cabeça todos os momentos em que planto em terreno árido um comentário sobre algum fato ou evento do cotidiano que tenha relevância política, ética, ecológica. Chamo de terreno árido qualquer situação – às vezes a presença de apenas uma pessoa – fora do meu círculo de afinidades de pensamento. Nesses momentos normalmente me arrependo de ter dito alguma coisa que vai de encontro com o que há de mais fundamental na nossa cultura. Algo que para desviar do constrangimento de atingir o que parece ser básico para a maioria das pessoas (que muitas vezes tomam isso como uma agressão pessoal), exige que voltemos atrás em algumas premissas para mostrar onde cada opinião está se fundamentando e onde elas rompem definitivamente para ir em direções opostas.

Claro que o exemplo contido na frase de Berman não é totalmente transferível a minha realidade. Quando digo que me sinto como Fausto é estritamente por me sentir mais aberto, mais fluido e menos contido por fronteiras e categorias objetivas. Fausto era um fomentador moderno diante de um mundo que não escapou do medieval. Um mundo onde os "condicionalismos feudais" ainda não vieram totalmente abaixo. Onde a devoção, a renúncia em nome da fé e a autocastração "são os únicos caminhos para a virtude". Enquanto eu, um projeto degenerado entre anarquia e um niilismo positivo, vivo em um mundo onde o Estado moderno já obteve o controle total de quase todos os momentos da vida de seus governados.

Quanto mais fundamentais são as discordâncias, mais trabalhoso é o debate e mais facilmente tendo a me arrepender de entrar nele sem que ambas as partes se disponham inteiramente. Um exemplo: estava passando de carro por Belo Horizonte com uma amiga, em frente à Cidade Administrativa – a então nova sede

do governo de Minas Gerais, projetada por Oscar Niemeyer e localizada na saída norte da cidade. Fiquei surpreso ao ver pela primeira vez a obra concluída. Ela não pôde deixar de demonstrar sua admiração e perguntar se eu não concordava. “Deviam queimar tudo isso com o arquiteto dentro”, respondi ironicamente e com o bom humor, mas com a profunda sinceridade de quem sorriu ao imaginar velho rico morto calcinado em uma de suas pirâmides antes que apronte mais uma das suas. O nível de intimidade permitiu que eu soltasse essa pérola, mas não impediu de desejar não tê-lo feito. Ela me perguntou como eu podia falar uma coisa dessas “sem conhecimento de causa” e ainda emendou em defesa do projeto alegando que foi ecologicamente pensado para reaproveitar água e “diminuir os impactos ambientais”. Respondi perguntando como ela concluiu que não tenho conhecimento de causa e se ela realmente acha que aproveitar água e reciclar o lixo realmente torna um projeto urbanístico sustentável. Disse ainda que não era nada mais que diminuir a velocidade na qual corremos em direção ao abismo, mas sem alterar sua trajetória.

Agora comparo e imagino como seria mais fácil se apenas discordássemos entre reciclar ou não o lixo lá produzido, mudar ou não a sede do governo de lugar, pagar ou não melhores salários aos mais de três mil trabalhadores que arriscaram suas vidas para construir essa obra faraônica e indenizar todas as pessoas mortas e feridas que já estão contabilizadas no início de qualquer obra desse porte. Mas não, discordamos em pontos que gerariam debates muito mais profundos do que qualquer um de nós gostaria de ter ali. Ainda tentei contornar o clima de rebeldia sem causa, citando (mais uma vez) Berman em sua crítica ao projeto arquitetônico de Brasília (numa dupla coincidência, uma obra ainda mais faraônica do próprio Niemeyer), ao dizer que uma sede do governo estadual isolada do centro da cidade não tinha a ver com os ideais democráticos uma vez que praticamente impossibilita que mobilizações populares se reúnam e venham se impor diante dos chefes de estado. Completando que é óbvio que aqueles que projetaram a cidade não vivem em suas ruas inóspitas e sugestivamente controladoras, pensadas para enaltecer a visão e a obra de grandes homens e desvalorizar presença das pessoas comuns. “Para homens moderno, pode ser uma aventura criativa construir um palácio, no entanto ter de morar nele pode virar um pesadelo” (Berman, 1982).

Finalmente me pergunto: quando é que conversaremos sobre o que realmente interessa? Como, por exemplo, se precisamos ou não construir mais um prédio; viver ou não sob um Estado; aceitar ou não que uma civilização se alimente do mundo para manter seu crescimento insustentável e cuspir de volta lixo tóxico e campos estéreis. De certa forma ainda limitamos nossas críticas mais radicais aos diálogos herméticos dos nossos círculos de afinidades políticas ou aos debates semi-abertos, sem muita participação ou adesão de novos membros ou, ainda, que flua por outras camadas de “desprivilégios” sociais. Ainda caminhamos a passos curtos se comparados aos que contratam os serviços de um Niemeyer para conceber as sedes de seus empreendimentos.

Penso então nos limites dos textos, canções, eventos e manifestações. Esses são talvez um dos únicos meios eficientes de germinar a semente dessas questões em mais cabeças pensantes. Mas a frase de Berman ainda me parece intacta em seu tom conclusivo. Me sinto encurralado por um mundo fechado em seus paradigmas, disposto a questionar-se até um limite que considero muito estreito. Gostaria de ver esse debate atingindo todos os cantos da nossa cultura. Mas parece que ainda é difícil competir com conformismo das críticas parciais, que aceitam a reciclagem ou o fim das sacolas plásticas como uma vitória, e com a letargia da vida comum dos que barganham qualquer risco de liberdade por uma promessa de futuro seguro.





"– Esse mundo não pode durar muito."

"– Nenhum pode."

13. este mundo não pode durar

A renovação é uma lei irrevogável da vida. De tempos em tempos nossas células se renovam e somos completamente reconstruídos. Assim também é com toda face da terra e toda a biosfera. Constante degeneração e recomposição. Toda matéria viva está para ser consumida e ser trazida de volta. Todo ser que nasce, cresce e morre precisa estar completamente engajado em seu ambiente, do contrário, desaparecerá antes que seus descendentes possam continuar povoando sua terra.

Nenhum grupo ou espécie dura para sempre. Isso não é necessário, nem possível. Todavia, nenhuma espécie precisa ser extinta antes de não estar mais adaptada ao seu ambiente. Assim como um indivíduo não precisa morrer antes que seu corpo deixe de ser capaz de realizar suas funções vitais. No entanto, sabemos que esses são eventos inevitáveis. Aliás, tragédias sempre vão acontecer. Jovens irão perder suas vidas, amantes irão partir seus corações, a lava dos vulcões escorrerá e consumirá toda a vida ao seu redor. Mas isso não importa. Está contabilizado nas leis da vida.

No entanto, estamos aprisionados em mundo que fez de tragédias seu alimento, sua condição de existência. E esse mundo já durou mais do que deveria – e poderia – durar. Muitos foram os que o antecederam e todos que dependiam de tragédias para existir foram consumidos por elas e trazidos abaixo por seus próprios erros.

Sobraram apenas as ruínas de suas pirâmides, templos e cidades vazias como aviso e indicação do futuro dos que tomam as mesmas iniciativas.

Nossa sociedade se atola cada vez mais em relações artificiais, num constante processo de domesticação do planeta e de nós mesmos. Tudo o que a maior parte de nós sabe fazer é a burocracia de trabalhar por dinheiro para trocá-lo por comida e o que mais precisamos. Mas isso não pode durar. E quando enfim não houver mais energia para manter nossas tevês ligadas, nossas vias iluminadas ou trazer a comida plantada a milhares de quilômetros de nossas casas, sairemos às ruas, olharemos pela primeira vez nos olhos de nossos vizinhos para descobrir seus nomes e então seremos obrigados a nos virar. Estaremos por nossa conta, pois até então só aprendemos a dialogar com nossos contracheques, cartões e com o caixa dos supermercados. Isso não é ser um ser vivo, mas um autômato. Se quisermos nos manter como indivíduos – e como espécie – teremos de aprender a dialogar como nosso ambiente, buscar nossa autonomia energética, alimentar e habitacional em comunidade. Nesse momento, perceberemos que não é possível pavimentar nossa paisagem com concreto e asfalto para trazer de fora a água, a energia, o alimento e o material de nossas casas. Entenderemos que nossos lares não podem seguir a lógica de colônia e metrópole para existir. Se quisermos nos manter indefinidamente, devemos saber lidar com o que existe no lugar onde vivemos e em parceria com todos com os quais convivemos.

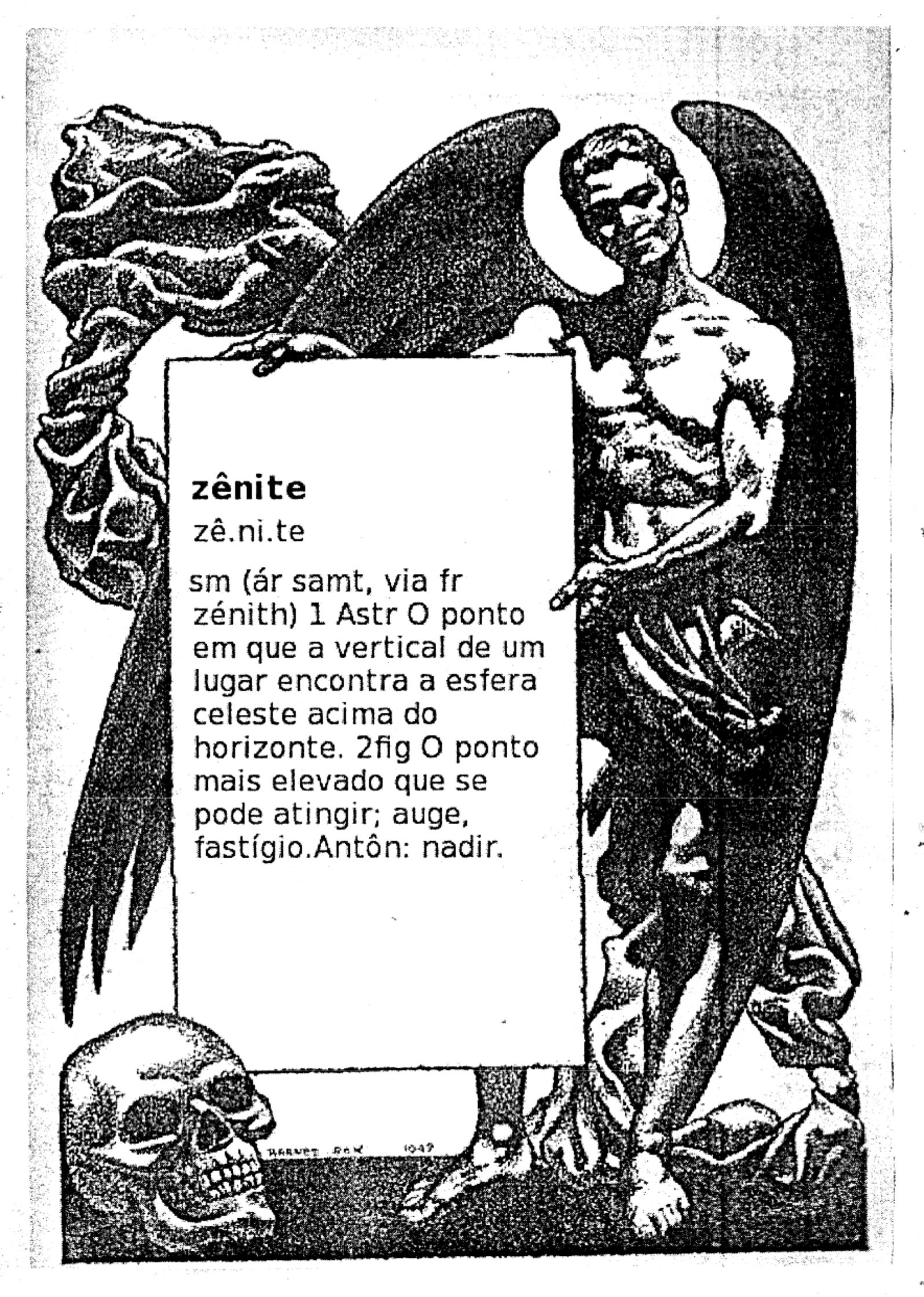
Esse mundo está para acabar. Qualquer pessoa com mínima noção de biologia, geografia ou economia pode perceber isso. Não se pode destruir tudo o que é necessário para se manter e ao mesmo tempo crer que vamos durar para sempre e em constante crescimento. Mas é isso que nossa cultura de acúmulo faz. E se o fim está próximo, será que precisamos fazer com que ele aconteça da forma mais dolorosa possível? Podemos abrir mão da bagagem excessiva, mas escolhemos afundar abraçados a tudo o que aprendemos a nos apegar. Podemos olhar para além dos portões de nossa cultura para ver como a vida acontece lá fora, mas escolhemos padecer entre as muralhas achando que não existe outra forma de se viver. No final, olhar para fora será necessário quando nosso mundo adentrar numa cadeia de eventos que iniciarão os tempos do seu colapso. No lugar de sonhar com *outro mundo possível*, devemos transformar o alcance de nossa visão para pensar num *outro fim do mundo possível*.





“Mude, mas comece devagar, porque a direção é mais importante que a velocidade.”

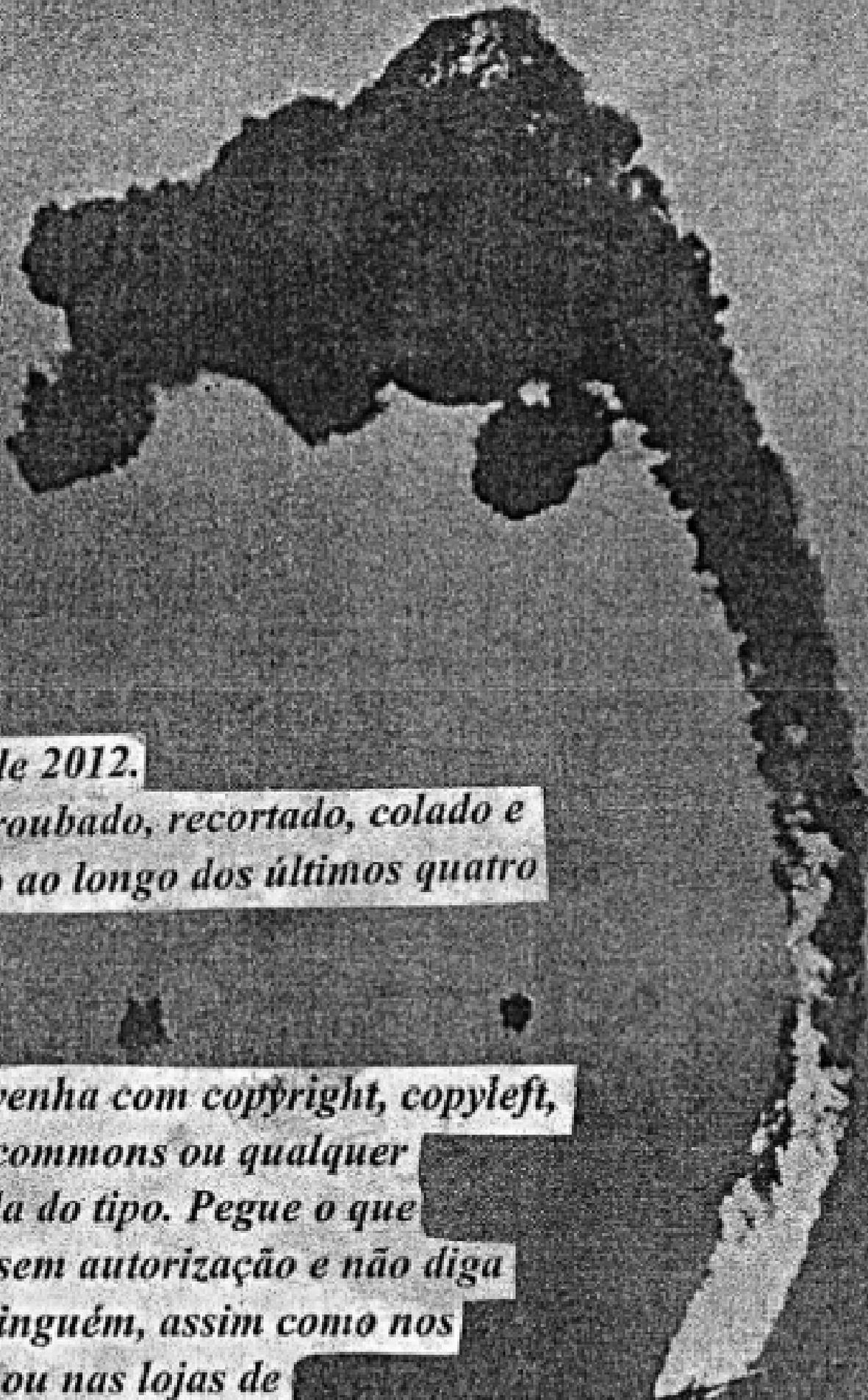
—Lispector



zênite

zê.ni.te

sm (ár samt, via fr zénith) 1 Astr O ponto em que a vertical de um lugar encontra a esfera celeste acima do horizonte. 2fig O ponto mais elevado que se pode atingir; auge, fastígio. Antôn: nadir.



inverno de 2012.

Escrito, roubado, recortado, colado e xerocado ao longo dos últimos quatro anos.

Não me venha com copyright, copyleft, creative commons ou qualquer palhaçada do tipo. Pegue o que precisar sem autorização e não diga nada a ninguém, assim como nos pomares ou nas lojas de departamentos.

É sempre o mesmo papo:

"publicação aperiódica", "faz tempo desde o último lançamento", "desculpem o atraso, mas é igual a falta de tempo."

Sim, estamos sempre sem tempo para o que precisamos fazer porque achamos o mais correto, porque é preciso, porque queremos para nós e por nós e não porque as contas estão chegando e precisamos de alguma atividade que garanta um teto sobre nossa cama, um armário com comida e um buraco pra cagar.

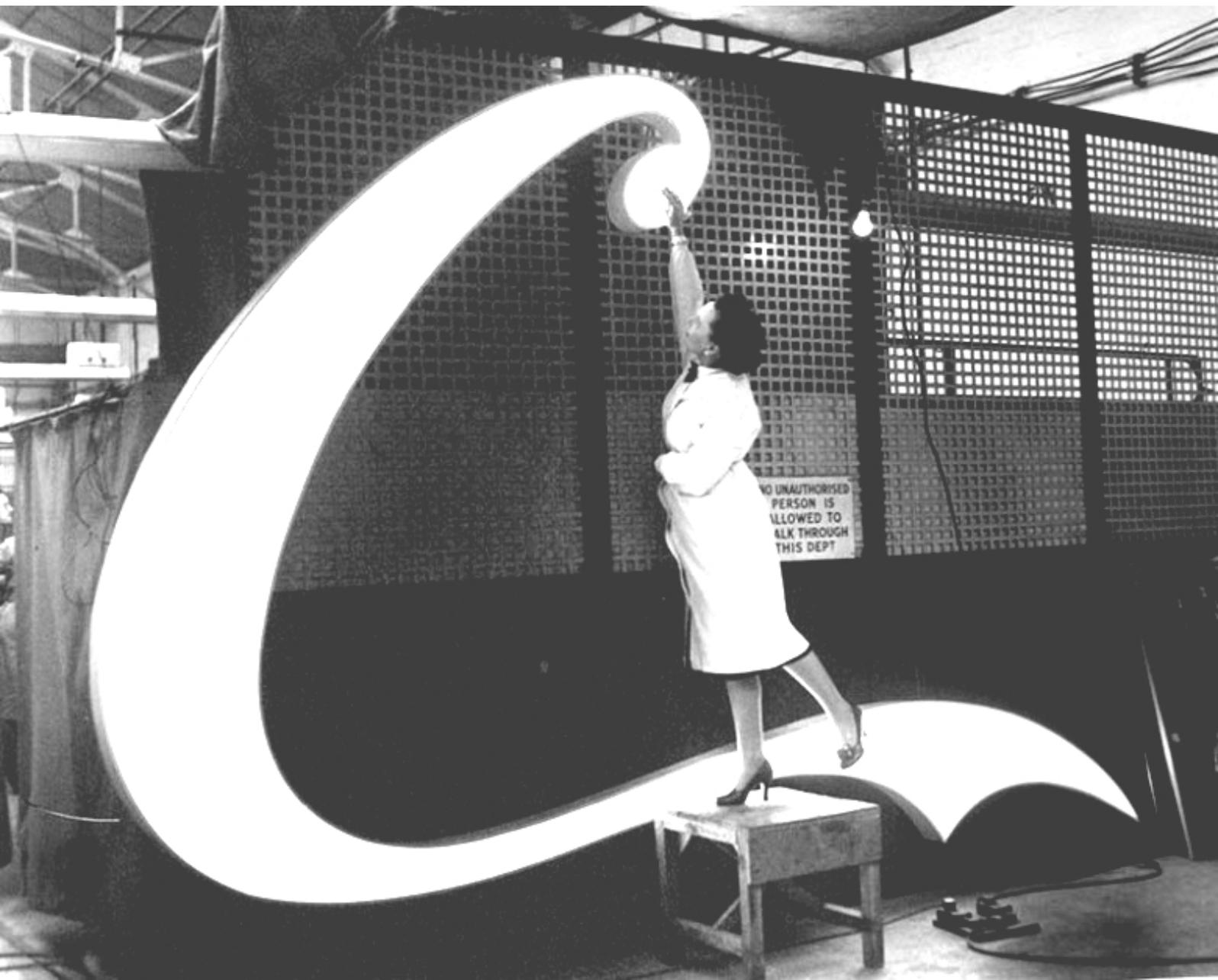
Se nosso trabalho proporcionasse mais tempo livre para nós e para o que achamos importante, talvez fosse diferente. Ou se ele ao menos representasse nossas reais aspirações e correspondesse aos potenciais que gostaríamos de desenvolver, talvez não

estariamos tão frustradas. Mas ele consome todo o nosso tempo e nossa energia em atividades que não gostamos e o que chamamos de tempo "livre" usamos para descansar até o próximo dia de trabalho. Ao mesmo tempo que as novas tecnologias de comunicação são capazes de manter qualquer pessoa sempre acessível e conectada ao trabalho mesmo em seus momentos de "descanso" e "lazer". Enquanto isso, consumimos ou desejamos comida pronta, informação pronta, roteiros de viagem prontos. Está tudo pronto! É só ter o dinheiro para apertar a tecla, passar o cartão, assinar o cheque, gastar os bilhetes. E quem não quer ter o dinheiro? É simples, basta não

fazer nada além do que nos mandam, pois alguém está mandando outros profissionais fazerem suas tarefas específicas. Seja comida, política, sexo ou literatura...

Chega de se enganar, o que você faz de mais efetivo e contundente é ter um emprego e manter esse sistema. Você é o que está escrito em sua carteira de trabalho, no seu holerite, nas estatísticas e nas contas do banco.

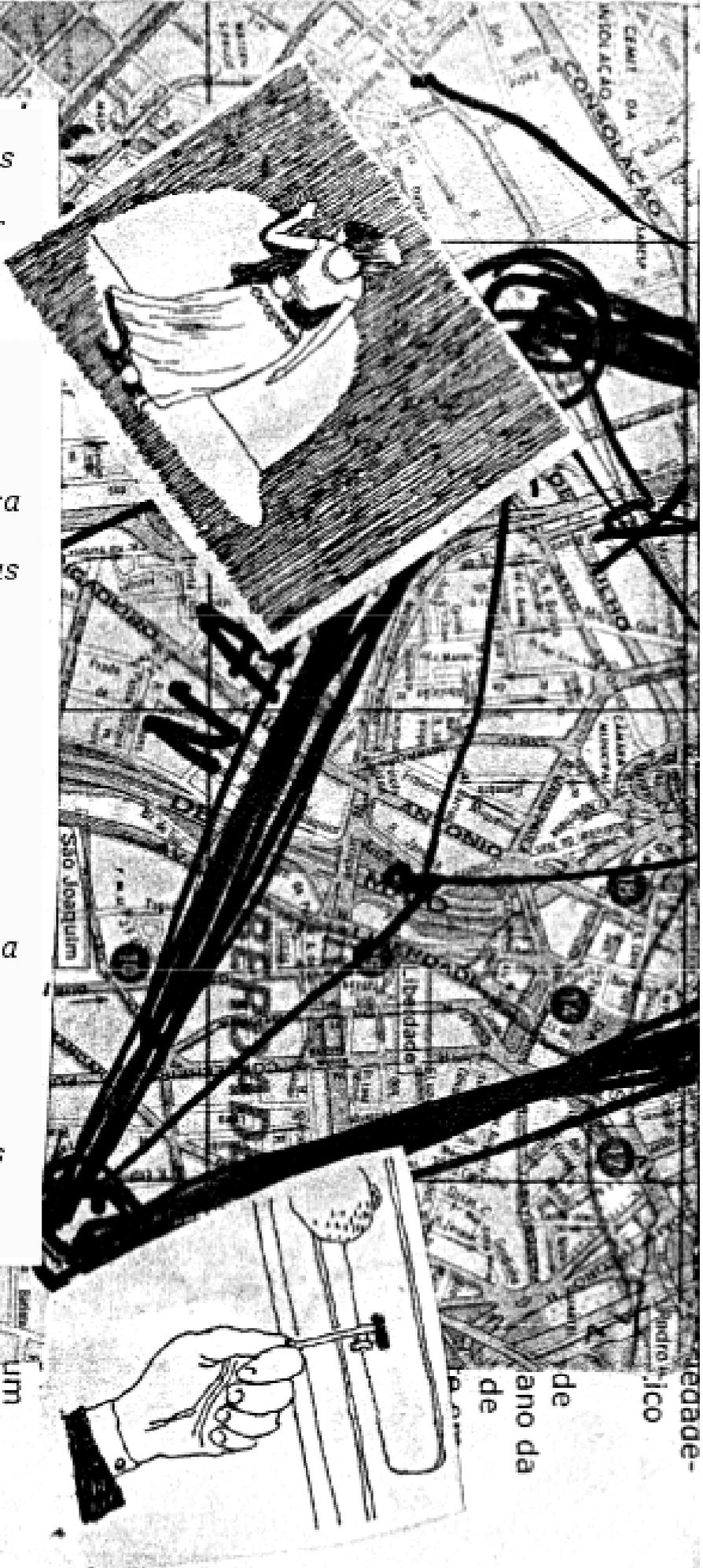
Porque é isso que você faz quase o dia inteiro, quase todos os dias da semana. Esse é o seu papel. Você passa mais tempo colocando tijolos nesse mundo de concreto do que fazendo algo para destruí-lo. E mesmo que faça algum estrago, não se compara ao que você faz para contribuir com tudo isso.



da
qu
de

Enquanto nossa principal função, pela qual acordamos cedo, pegamos conduções lotadas ou nossas bicicletas para cumprir horários for trabalhar pelo sistema em troca de algum dinheiro, todos os outros projetos estarão de lado e serão hobbies de fim de semana, ou que fazemos fora do expediente. Se nossos planos a longo prazo não visualizam uma forma de inverter esse quadro, estaremos dentro dessa armadilha para sempre. E tudo ficará para depois... sejam pequenas ações ou projetos inteiros de vida e de mobilização.

Não quero dizer que todo mundo é um fracasso como você. Existem pessoas que conseguem fazer diferente. Que conseguem, de um jeito ou de outro, serem mais que funcionárias, profissionais ou estar estudando para serem isso um dia. Conseguem até nem ser nada disso a maior parte do dia e da semana. Mas a má notícia é que elas estão sozinhas, sobrecarregadas e sendo muito românticas e idealistas para manterem-se de pé ao longo dos anos, caminhando como tartarugas solitárias enquanto o capitalismo



para a
de animais
alimentos
e dos cereais
de um terço

A
fase de

de
ano da
de

edade-
jico



varre o mundo e traz todo mundo sob suas sombras, lhe dando total apoio e convivência, ao ritmo do mais veloz dos tratores. É uma competição desleal e poucos são os que passam uma vida lutando do lado mais fraco — afinal, por que alguém gostaria de estar lá?

Redes se desfazem com o tempo e projetos são abandonados. Espaços autônomos se fecham, grupos se dissolvem. Anarquistas se casam, parem e precisam se estruturar para o ciclo continuar do zero em uma nova geração. Tudo o que fizeram se tornou fotos, recorte de notícias antigas, zines e documentos empoeirados. Novas pessoas herdam projetos sem continuidade, discussões que não caminham com metade da dedicação que vemos nos estereis círculos acadêmicos burgueses. O fim desse sistema pode estar distante. Mas mais distante ainda está a vitória desse movimento.

Bom, ninguém disse que iria encontrar motivação aqui, não é? Pois é.

Acabou.

Foi escrito para acabar.

Agora volte ao trabalho.



“– dos escombros desse mundo, construiremos muitos outros”



Escrevo para que o que tenho a dizer seja guardado onde a atenção será como a chave que abre o cadeado do diário. Para que a matéria condensada em palavras possa ser trazida à vida como no exato momento em que foi escrita. Contar com isso é depender de uma coincidência maior do que aquela que ocorre a duas pessoas que se apaixonam simultaneamente. Uma querer ouvir na medida em que a outra se dispõe a dizer é coisa rara hoje em dia, mesmo quando buscamos o máximo de entrega e de expressão. Talvez aí esteja uma essência da materialização criativa! Da interpretação, da palavra escrita ou cantada, do som tocado ou gravado, da imagem cinética ou estática. Esses territórios vazios que surgem quando o cotidiano não abre o espaço necessário para desatar os nós dentro da garganta. Dentro deles, o que quisermos dizer diremos sem a necessidade de resposta, combate ou cabeças balançando afirmativamente. A obra se tornará material. Um material que serve de mediador entre sentimentos distantes no tempo e no espaço. Um produto que sobra à ação e só terá a atenção que julga merecida quando alguém selar o pacto silencioso de se recolher em sua solitária posição de digestor da mensagem. É esse o silêncio, a dedicação de quem não espera resposta, de quem compõe canções ou imagens como quem escreve cartas de amor. Cartas que serão levadas para o recolhimento e lidas com paixão.

